



Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Fabricio de Oliveira Marson

**Para além da academia: a atuação do Cientista Social no mercado privado
de pesquisas**

Mestrado em Ciências Sociais

São Paulo

2023

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Fabricio de Oliveira Marson

**Para além da academia: a atuação do Cientista Social no mercado privado
de pesquisas**

Mestrado em Ciências Sociais

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, área de concentração: Ciências Sociais, sob a orientação do Prof. Dr. Rafael de Paula Aguiar Araújo.

São Paulo

2023

Banca Examinadora

**O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de
Desenvolvimento Científico Tecnológico. Número do processo:
131867/2021-0**

**This study was financed in part by the Conselho Nacional de
Desenvolvimento Científico Tecnológico. Número do processo:
131867/2021-0**

Para João Marson Filho e Cleusa de O.
Marson, sem a oportunidade que me deram
de estudar, nada disso seria possível.

Agradecimentos

Ao CNPQ, pelo apoio financeiro integral durante todo o processo.

Ao meu orientador, Professor Doutor Rafael de Paula Araújo, que confiou em mim e no meu projeto de pesquisa e sempre deu o apoio e a orientação necessária que precisei durante o processo.

Aos que me concederam seus relatos durante as entrevistas do trabalho de campo, sem eles não seria possível concluir este trabalho com êxito.

Às professoras do programa Lucia Bógus e Maria Celeste Mira pelos ensinamentos durante as aulas, por demonstrarem entusiasmo diante do meu projeto de pesquisa, e pelas discussões promovidas em sala de aula, mesmo com as dificuldades em meio a um mundo pandêmico.

À minha esposa, Nara Okamoto, por sempre acreditar no meu potencial e por ter paciência em meus momentos de incerteza diante dos desafios do mestrado. Além de todo o incentivo dado antes, durante e depois do processo.

Ao meu cachorro, o Shitzu mais bonito entre todos os Shitzus, pelo carinho e companheirismo, com todo o amor possível de ser trocado entre duas espécies diferentes.

À minha família, por sempre estarem do meu lado em todos os momentos, pai, mãe e irmão.

RESUMO

A presente pesquisa busca compreender em que medida a formação do Cientista Social contribui para a sua atuação no mercado privado de pesquisas e discute as grades curriculares dos cursos de Ciências Sociais de quatro Instituições de Ensino Superior situadas na cidade de São Paulo, as quais são: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP), Universidade de São Paulo (USP) e Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM). Não é novidade que os Cientistas Sociais sempre estiveram presentes nos institutos de pesquisa na iniciativa privada, no entanto, é necessário compreender quais as potencialidades que direcionaram esses profissionais a esse tipo de atuação. Esta pesquisa contou com onze entrevistas em profundidade realizadas com graduados, graduandos e professores dos cursos de Ciências Sociais das Instituições de Ensino Superior selecionadas e, além de buscar compreender as potencialidades do Cientista Social frente ao mercado privado de pesquisas, analisa os conflitos de legitimidade desses profissionais diante deste tipo de atuação.

Palavras-chave: Cientistas Sociais, Mercado, Pesquisa, Iniciativa Privada.

ABSTRACT

This research seeks to understand to what extent the training of Social Scientists contributes to their performance in the private research market and discusses the curricular notes of the Social Sciences courses of four Higher Education Institutions located in the city of São Paulo, which are: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP), Universidade de São Paulo (USP) and Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM). It is not news that Social Scientists have always been present in research institutes in the private sector, however, it is necessary to understand what potentialities direct these professionals to this type of activity. This research involved eleven in-depth interviews with graduates, undergraduates and professors of Social Sciences courses at selected Higher Education Institutions and, in addition to seeking to understand the potential of Social Scientists in the face of the private research market, analyzing their conflicts of workers of these professionals in this type of activity.

Keywords: Social Scientists, Market, Research, Private Initiative.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
Roteiro da dissertação	14
PRIMEIRO CAPÍTULO	17
1. A Formação do Cientista Social no Brasil	17
1.1 Um olhar para as diretrizes curriculares	19
1.2 A graduação em Ciências Sociais nas Instituições de Ensino Superior (IES) selecionadas	24
1.2.1 Ciências Sociais na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP	25
1.2.3 Ciências Sociais na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo - FESPSP.....	29
1.2.4 Ciências Sociais na Universidade de São Paulo – USP	34
1.2.5 Ciências Sociais e do Consumo na Escola Superior de Propaganda e Marketing - ESPM	38
SEGUNDO CAPÍTULO	43
A relação entre a Pesquisa de Mercado e as Ciências Sociais	43
2.1 O surgimento da pesquisa de mercado no Brasil e o diálogo com os Cientistas Sociais.....	43
2.2 Qual o entendimento das Ciências Sociais sobre o consumo?	45
2.3 De onde vem o interesse em requisitar esse tipo de profissional?	50
TERCEIRO CAPÍTULO	55
Interlocução com os Cientistas Sociais atuantes no mercado e os docentes dos cursos de Ciências Sociais	55
3.1 Os caminhos percorridos na pesquisa de campo.....	55
3.2 Procedimentos da pesquisa de campo.....	57
3.3 Processo de recrutamento dos entrevistados.....	58
3.4 Das Ciências sociais à atuação como pesquisadores na iniciativa privada.....	59
3.4.1 Pesquisadores da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	59
3.4.2 Pesquisadores da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo	62
3.4.3 Pesquisadores da Universidade de São Paulo - USP	64
3.4.4 Pesquisadores da Escola Superior de Propaganda e Marketing - ESPM	66
3.5 Entrevistas com os docentes	68
QUARTO CAPÍTULO.....	70
Interlocução com os atores	70
4. Profissionalização em curso e seus desdobramentos.....	70
4.1 Mercado privado de pesquisas: especialidade ou estratégia de sobrevivência?.....	90
4.2 Os Cientistas Sociais no mercado e seus conflitos de legitimidade.....	97
Considerações finais	100
Bibliografia.....	103
ANEXO 1	105
ANEXO 2	108

INTRODUÇÃO

Em março de 2006, o portal Mundo do Marketing¹, importante canal voltado aos entusiastas da disciplina, publicava matéria intitulada “*Antropologia a serviço do Marketing*”². O artigo em questão trazia uma entrevista com o antropólogo Everardo Rocha³ e aprimorava o debate sobre como a Antropologia pode auxiliar no trabalho diário dos profissionais de marketing, sobretudo os que se dedicam a pesquisas de mercado e ao estudo do comportamento do consumidor.

Quase sete anos mais tarde, “*Grandes empresas recrutam antropólogos. Saiba por quê.*”⁴ é o título da matéria publicada em janeiro de 2013, em versão eletrônica da revista Exame⁵, do grupo Abril. Trata-se de uma reportagem que evidencia o valor da abordagem antropológica nos estudos de comportamento do consumidor, comumente utilizados por grandes empresas como Pepsico, Unilever, Kraft Food e Toyota, como forma de reconhecer e atingir seu público alvo. O artigo expõe um grupo de pesquisadores que utilizam o método etnográfico como principal ferramenta para capturar aspectos culturais contidos nos hábitos de consumo.

Tais matérias, ambas veiculadas em portais não acadêmicos ou científicos, evidenciam o interesse e a possibilidade da integração entre as Ciências Sociais – neste caso, especificamente, a Antropologia – e o mercado, onde profissionais são requisitados para servirem de apoio teórico metodológico e exercerem o papel de pesquisadores em empresas privadas e no universo do consumo.

¹ Portal especializado em marketing. <https://www.mundodomarketing.com.br/>

² Link de acesso

<https://www.mundodomarketing.com.br/entrevistas/112/antropologia-a-servico-do-marketing.html>

³ Everardo Rocha é Doutor em Antropologia Social e Professor do programa de pós-graduação em Comunicação do Departamento de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

⁴ Link de acesso <https://exame.abril.com.br/carreira/antropologos-corporativos/>

⁵ Revista brasileira especializada em economia, negócios e tecnologia, publicada quinzenalmente.

Não é novidade que desde o surgimento dos cursos de graduação em Ciências Sociais no Brasil, em meados dos anos 1930 (MICELLI, 1989), pessoas que se dedicam a essa formação optam por outra trajetória profissional que não a carreira acadêmica – por carreira acadêmica, leia-se, mestrado, doutorado e docência -, que muitas vezes aparece como um dos únicos, senão o único, caminho profissional a ser seguido pelo estudante.

Maria da Glória Bonelli (1993), ao pesquisar sobre a "Identidade Profissional e Mercado de Trabalho dos Cientistas Sociais" contribui ao debate sobre as Ciências Sociais no universo do trabalho no Brasil, e refere-se não somente a uma profissão inserida no universo intelectual e, portanto, estritamente no âmbito da docência no ensino superior e pesquisa acadêmica, mas uma profissão que possa ser enquadrada no sistema “tradicional” de profissões, como médicos, engenheiros, advogados, etc. Sua proposta é analisar as Ciências Sociais sob a perspectiva de como seus membros interagem entre si, com outros profissionais, quais trabalhos eles executam em posse de um título de graduação, quais são suas posições no mercado de trabalho e o que perderam ou conquistaram ao longo dessa trajetória. A pesquisa nos oferece as diretrizes profissionais e joga luz para pensarmos em outras possibilidades de atuação do Cientista Social no mercado de trabalho.

Enquanto Bonelli (1993) analisa as relações de grupos de profissionais diplomados em Ciências Sociais e a competição por eles desempenhada no palco⁶ das profissões, Durand (1984) menciona não haver um equilíbrio em relação a legitimidade desses agentes quando analisamos as diferentes frentes de atuação do Cientista Social. Isto é, Cientistas Sociais – ou sociólogos, em suas palavras – o são apenas em uma determinada conjectura. Tal conjectura é imposta pelo grupo a partir de um série de mecanismos presentes desde sua institucionalização como curso superior no Brasil, a qual analisaremos mais a fundo conforme o desenvolvimento deste trabalho. Para justificar essa concepção, o autor aponta que “o estudante é formado quase exclusivamente por pessoas que partilham apenas um dos espaços de atividade: o magistério

⁶ Bonelli (1984) classifica como palco o sistema amplo de profissões dentro das Ciências Sociais, composto por profissões dentro e fora do nível intelectual e universitário. Entre os conceitos de “palco” e “audiência” a autora define que no palco estão os agentes que se identificam executando atividades da área, e na audiência estão os formados na área, mas que declaram exercer outro tipo de atividade.

superior e a pesquisa acadêmica” (DURAND, 1984, p.76); e é por meio dessa definição que a comunidade de Cientistas Sociais distingue quem a ela pertence, fazendo com que as demais frentes de atuação – como a pesquisa na iniciativa privada e voltada ao consumo, por exemplo – sejam por ela descredibilizadas e hostilizadas.

Sob esta perspectiva, com o intuito de entender as complexidades inerentes aos caminhos pelos quais esses profissionais escolhem desenvolver suas carreiras, propomos investigar especificamente os Cientistas Sociais que atuam no setor privado de pesquisas, mais precisamente os que trabalham com pesquisa de mercado e comportamento do consumidor, a partir dos seguintes questionamentos, que serão a problemática da presente pesquisa:

Como o Cientista Social passou a exercer o ofício de profissional de pesquisa na iniciativa privada e em que medida a sua formação contribuiu para o exercício dessa atividade? Como se dá a questão da legitimidade deste profissional em relação aos pesquisadores que atuam no campo acadêmico?

Este trabalho pretende contribuir para as reflexões acerca das possibilidades de atuação do Cientista Social em um ambiente não acadêmico e seus conflitos de legitimidade, bem como analisar de que maneira a sua formação contribuiu ou não para o exercício de seu ofício na iniciativa privada. Mais do que realizar um estudo sobre suas potencialidades técnicas e a quem elas servem em um ambiente historicamente pouco – ou nada - direcionado aos estudantes de Ciências Sociais, o mercado privado, é a nossa intenção investigar como se desdobram as atuações desses agentes fora da academia, em meio ao diálogo sobre os diferentes campos de atuação do Cientista Social.

Na tentativa de responder a essas questões, a pesquisa está dividida em duas etapas:

A primeira etapa consiste em pensar a formação do Cientista Social e ponderar suas competências a partir da análise curricular dos cursos de quatro Instituições de Ensino Superior (IES), as quais são: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP); Universidade de São Paulo (USP); Escola Superior de

Propaganda e Marketing (ESPM); todas as instituições mencionadas estão situadas na cidade de São Paulo.

A escolha dessas instituições se deu pelo fato de apresentarem propostas de formação distintas, cujo as três primeiras, PUCSP, USP e FESPSP, exibem um histórico consideravelmente tradicional no ensino de Ciências Sociais no Brasil, enquanto a última, a Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), traz uma proposta de um curso inovador, nomeando-o de Ciências Sociais e do Consumo. Este nome nos chama a atenção e vai ao encontro de uma das hipóteses apresentadas nesta pesquisa: estariam algumas universidades não tradicionalmente dedicadas ao ensino das Ciências Sociais adequando suas propostas educacionais para atender uma demanda do mercado? Ou trata-se de uma estratégia de instrumentalização das disciplinas para combater a evasão dos estudantes que temem o desemprego?

A intenção é compreender, baseado em suas estruturas de ensino, quais são as características singulares de cada curso e de que maneira elas podem contribuir para a inserção dos estudantes e egressos no mercado de trabalho ao qual nos propomos a analisar, bem como quais são os caminhos profissionalizantes direcionados pelos cursos de graduação em Ciências Sociais.

Para compor esta etapa da análise, utilizamos da pesquisa bibliográfica cujo os autores centrais foram Maria da Glória Bonelli (1993), com sua obra "Identidade Profissional e o Mercado de Trabalho dos Cientistas Sociais", e Sergio Micelli (1995) com as obras "História das Ciências Sociais no Brasil" volume 1 e 2. Como suporte ao debate institucional sobre a formação do Cientista Social, tomamos também como referência as diretrizes curriculares apresentadas pelo Ministério da Educação (MEC), que oferecem subsídios indispensáveis para o êxito deste trabalho.

A segunda etapa envolve as questões de competência e legitimidade dos próprios agentes em relação às outras frentes de atuação do Cientista Social. Os procedimentos para a realização da pesquisa qualitativa foram entrevistas em profundidade guiadas por roteiro semiestruturado (ANEXO).

Foram entrevistados indivíduos formados e estudantes das IES selecionadas e que atuam ou já atuaram com pesquisas voltadas ao consumo no mercado privado. Com o intuito de lançarmos um olhar também sob perspectiva do corpo docente sobre o tema, isto é, adequação das propostas educacionais às novas demandas, objetivos do curso quanto à formação dos discentes, foram entrevistados também professores e coordenadores dos cursos de Ciências Sociais das IES acima citadas.

Portanto, seja pela perversidade do capitalismo que pretende absorver as mais profundas nuances dos consumidores e assim poder exercer com ainda mais voracidade o seu papel, pela oferta de trabalho no meio universitário que não corresponde ao contingente de formandos – outra hipótese submetida a esta pesquisa - ou simplesmente pelo anseio dos profissionais em atingir outras esferas de atuação. O fato é que estes acontecimentos são significativos para o setor e precisam ser investigados⁷. Além disso, em meio aos diversos questionamentos, também é nossa intenção contribuir para o preenchimento da lacuna existente na literatura sociológica brasileira relacionada ao estudo do mercado de pesquisas não acadêmico (BRAGA, 2003).

Roteiro da dissertação:

Damos início ao capítulo I situando o surgimento das Ciências Sociais no Brasil e seus processos de institucionalização com base na discussão bibliográfica. Após, ainda no primeiro capítulo, passamos a apresentar a análise curricular dos cursos das universidades propostas. Para tal, traçamos quatro categorias de análise. Tais categorias foram escolhidas com o objetivo de possibilitar a obtenção de pistas sobre em que medida as disciplinas que fazem parte dos cursos contribuem para atuação profissional dos egressos ou dos estudantes no mercado privado de pesquisas.

⁷ O desejo de avançar a respeito dessa temática surgiu da inquietação do próprio ator desta pesquisa ao observar uma grande movimentação do mercado em busca de profissionais das ciências humanas para ocuparem cargos em empresas dedicadas ao estudo de mercado e consumo.

As quais são:

- a) Objetivos e propostas dos cursos;
- b) Disciplinas dedicadas ao ensino e aplicação dos métodos de pesquisa qualitativa e quantitativa;
- c) Interdisciplinaridade;
- d) Profissionalização em curso.

É importante ressaltar que no capítulo I as grades curriculares estão apresentadas por meio de tabelas e acompanhadas de uma discussão sobre algumas especificidades de cada curso. Contudo, a discussão é retomada no capítulo III e IV, onde o tema é tratado com mais profundidade e baseado nos dados coletados durante a pesquisa de campo.

No capítulo II, adentrando mais especificamente ao objeto de pesquisa, tomamos como pano de fundo o segmento da pesquisa de mercado e seu desenvolvimento no contexto brasileiro. Primeiramente tratamos, a partir de uma fundamentação teórica, a Sociedade do Consumo e os desdobramentos interdisciplinares entre as Ciências Sociais e as disciplinas dedicadas quase que integralmente aos estudos de consumo, como Marketing, Publicidade e Administração. Após, abordamos especificamente o contexto da pesquisa de mercado no Brasil.

No capítulo III, após a discussão teórica e a análise dos currículos dos cursos de Ciências Sociais, conforme previsto na proposta deste trabalho, apresentamos como se deu o percurso da pesquisa de campo, a trajetória de ensino e profissional dos entrevistados e os desafios que enfrentamos diante da proposta do desenvolvimento de um trabalho empírico.

No capítulo IV, abordamos especificamente os dados coletados nas entrevistas com os profissionais, alunos e professores/coordenadores, articulados às análises dos currículos e aos resultados da pesquisa. Temas como a aplicabilidade dos conhecimentos adquiridos e sua formação no dia a dia do trabalho, seus limites e potencialidades, relação entre teoria e prática, histórias de vida dos atores, rigor metodológico, trajetória profissional e visão

do futuro das Ciências Sociais são debatidos nessa seção e nos dão substância para tratar das questões propostas nesta pesquisa.

Por fim, tratamos das observações gerais construídas no decorrer dos processos de trabalho, destacando a análise dos materiais coletados em campo e articulando com a proposta de ensino dos cursos analisados.

PRIMEIRO CAPÍTULO

1. A Formação do Cientista Social no Brasil

O Brasil talvez seja um dos únicos países latino-americanos (e um dos poucos no Terceiro Mundo) a ter logrado êxito no processo de institucionalização das Ciências Sociais, quer ao nível de sua inserção no ensino superior e particularmente da pós-graduação, quer em termos de sua incorporação ao sistema voltado para a investigação científica e tecnológica. (MICELI, 1995. p. 09)

Em meio às diversas interpretações quanto à origem e evolução das Ciências Sociais no Brasil, é hegemônica a ideia de que seu processo de institucionalização se tornou um marco para a análise de seu surgimento e desenvolvimento (SEGATTO e BARIANI, 2010). Não é nossa intenção aqui traçar uma linha histórica sobre o surgimento da disciplina no Brasil, nem mesmo entrar em detalhes sobre as diversas polêmicas que se envolveram os autores que se interessaram em debater o tema. O fato é que ao refletirmos sobre o que está sendo proposto neste trabalho, resgatar a história da institucionalização das ciências em questão nos parece um esforço necessário e mais adequado, afinal, o que está em debate é a titulação formal de um curso de graduação e seus desdobramentos profissionais.

Ao se debruçar sobre contexto do desenvolvimento institucional e intelectual das Ciências Sociais no Brasil, em meados da década 1940, Miceli (1995) destaca alguns momentos decisivos na história cujo seus integrantes – os Cientistas Sociais – foram ganhando notoriedade e passaram a se enxergar como detentores de uma competência técnica quase que exclusiva, contemplados por uma formação acadêmica inovadora, por títulos na carreira universitária e podendo exhibir trunfos de suas expedições educacionais no exterior.

Desta maneira, foi se construindo o caráter de uma elite intelectual – principalmente em território paulista - profissionalizada no contexto de um

regime autoritário que dispunha de políticas voltadas à educação que “favoreceram a expansão do ensino superior enquanto espaço prioritário de atendimento às reivindicações de melhoria formuladas pelos setores médios que vinham se debatendo” (MICELE, 1995. p. 10). Neste sentido, a área acabou por se beneficiar material, acadêmica e profissionalmente por ter sido contemplada por políticas públicas voltadas ao desenvolvimento científico e tecnológico no Brasil. Outro elemento destacado pelo autor é a expansão do ensino superior junto a implementação de um sistema nacional de pós-graduação. Tais espaços constituem a formação de uma elite intelectual que garantiu a sua especialização acadêmica no exterior por meio de bolsas e outras formas de incentivos do poder público.

Até meados da década de 1940, o pensamento sociológico produzido no Brasil fazia parte de um contexto em que a literatura, o discurso político e a filosofia se misturavam. Ainda não existia um lugar que permitisse que o saber sociológico se autonomizasse. Nesse tempo, a sociologia permeava as escolas de Medicina, Direito, Institutos Históricos e Geográficos. (ORTIZ, 2002)

Essas circunstâncias são rompidas na medida em que a universidade moderna vai se consolidando, dando os instrumentos necessários para a autonomia científica no campo sociológico:

A universidade moderna rompe com esta circunstância; ela secreta as condições materiais para o desenvolvimento de uma autonomia científica definida agora por outros parâmetros. A Sociologia, ao se apresentar como uma "esfera de bens restritos", marcada pela ideologia do acadêmico, se afasta de seu destino anterior. Se as temáticas permanecem, elas devem ser submetidas a um processo de reinterpretação. (ORTIZ, 2002. p. 165)

Nesses termos, a formação especializada vai ganhando cada vez mais legitimidade para discussões a respeito de temáticas nacionais. Entretanto, Ortiz (2002) afirma que análises sobre a cultura popular⁸ antecederam a ciência social propriamente universitária e seria mais correto dizer, portanto, que a disciplina se inicia com os estudos históricos – Ortiz cita o exemplo de Canudos

⁸ Ver Maria Isaura Pereira de Queiroz, *Sociologia e Folclore*, Salvador, Livraria Progresso, 1958.

para Euclides da Cunha. Deveriam então os sociólogos enfrentar uma disciplina tradicionalmente estabelecida em Institutos Históricos e Geográficos cujo padrão se contrapõe aos estudos gerados nas universidades. (ORTIZ, 2002)

1.1 Um olhar para as diretrizes curriculares

Ao propormos o debate sobre a atuação do Cientista Social no mercado privado de pesquisas, dois elementos implícitos nessa proposta nos saltam aos olhos: o primeiro é que a denominação “Cientista Social” pressupõe uma ocupação, uma profissão ou uma qualificação profissional e, portanto, trata-se de uma figura que em alguma medida desempenha uma função social e está ou esteve inserida em um meio institucional que lhe concedeu tal qualificação. O segundo elemento é o “mercado”, palavra que pode conter inúmeros significados, mas que nesse contexto significa um espaço de troca de bens, regido por uma lógica econômica e exercido por uma série de empresas e agentes que nelas ou por elas trabalham.

É importante deixar claro que aqui iremos nos referir ao Cientista Social como indivíduo que possui o título de graduação em Ciências Sociais e que utiliza esse diploma para qualificar a sua atuação profissional. Desta maneira, faz-se necessário destrinchar as potencialidades que a formação em Ciências Sociais oferece ao indivíduo que pretende tê-la como ensino superior.

Com o intuito de mergulhar no objeto em que nos propomos a investigar, é pertinente apresentar o que significa a formação em Ciências Sociais para o Ministério da Educação, órgão que regulamenta o ensino superior no Brasil, em um primeiro momento, para então apresentar os planos de ensino dos cursos de Ciências Sociais das Instituições de Ensino Superior (IES) propostas neste trabalho.

O parecer CNE/CES nº 492/2001⁹, aprovado em 3 de abril de 2001, retificado pelo parecer CNS/CES nº 1363/2001¹⁰, aprovado em 12 de dezembro de 2001, publicado pelo Ministério da Educação, que determina as diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em Ciências Sociais – Antropologia, Ciência Política e Sociologia - , apresenta cinco princípios norteadores da área¹¹:

- Propiciar aos estudantes uma formação teórico-metodológica sólida em torno dos eixos que formam a identidade do curso (Antropologia, Ciência Política e Sociologia) e fornecer instrumentos para estabelecer relações com a pesquisa e a prática social.
- Criar uma estrutura curricular que estimule a autonomia intelectual, a capacidade analítica dos estudantes e uma ampla formação humanística.
- Partir da ideia de que o curso é um percurso que abre um campo de possibilidades com alternativas de trajetórias e não apenas uma grade curricular.
- Estimular a produção de um projeto pedagógico que explicita os objetivos do curso, a articulação entre disciplinas, as linhas e núcleos de pesquisa, as especificidades de formação, a tutoria e os projetos de extensão.
- Estimular avaliações institucionais no sentido do aperfeiçoamento constante do curso. (BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes curriculares para os cursos de graduação em Ciências Sociais. Parecer CNE/CES nº492. 2001)

⁹ <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0492.pdf> aprovado em 3 de abril de 2001. Aprova as Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Arquivologia, Biblioteconomia, Ciências Sociais - Antropologia, Ciência Política e Sociologia, Comunicação Social, Filosofia, Geografia, História, Letras, Museologia e Serviço Social.

¹⁰ http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2001/pces1363_01.pdf Retifica o Parecer CNE/CES n.º 492, de 3 de abril de 2001, que aprova as Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Arquivologia, Biblioteconomia, Ciências Sociais - Antropologia, Ciência Política e Sociologia, Comunicação Social, Filosofia, Geografia, História, Letras, Museologia e Serviço Social.

¹¹ Aqui daremos destaque apenas às diretrizes curriculares voltadas ao bacharelado em Ciências Sociais. Por esse motivo, o itens apresentados não estão em ordem numérica.

Tais documentos constituem o que há de mais relevante para diagnosticar a composição formal da área e a orientação basilar para a construção de sua estrutura e finalidade (SANTOS, 2010). Nota-se, diante dos tópicos explicitados, que a formulação de uma grade curricular dá grande enfoque ao caráter teórico-metodológico, que visa a autonomia intelectual e a capacidade analítica dos estudantes. Sobre o perfil dos formados, exposto no item 1 do documento, são apresentados três tópicos:

- Professor de ensino fundamental, de ensino médio e de ensino superior
- Pesquisador seja na área acadêmica ou não acadêmica.
- Profissional que atue em planejamento, consultoria, formação e assessoria junto a empresas públicas, privadas, organizações não governamentais, governamentais, partidos políticos, movimentos sociais e atividades similares. (BRASIL, 2001)

Além da designação ao magistério, destaca-se o desenvolvimento de um profissional de pesquisa, seja para a área acadêmica ou não acadêmica. O apelo profissional também se faz presente quando o documento sugere uma atuação em planejamento, consultoria, assessoria em empresas públicas, privadas, organizações não governamentais, etc. No entanto, o documento não especifica qual é a área de atuação, apenas cita a pesquisa de forma genérica.

No item 2 do documento, em Competências e Habilidades, aparecem:

- Domínio da bibliografia teórica e metodológica básica.
- Autonomia intelectual.
- Capacidade analítica.
- Competência na articulação entre teoria, pesquisa e prática social.
- Compromisso social.
- Competência na utilização da informática. (BRASIL, 2001)

No item 4, em Conteúdos Curriculares, cabe ressaltar o seguinte trecho:

Esta proposta está ancorada em uma concepção que privilegia a especificidade da formação no curso, reforçando a integração

entre as áreas de Antropologia, Ciência Política e Sociologia, ao mesmo tempo em que possibilita a abertura para o conhecimento em outras áreas. Recusando a especialização precoce, o que se propõe é o estabelecimento de conjuntos de atividades acadêmicas definidas a partir de temas, linhas de pesquisa, problemas teóricos e sociais relevantes, bem como campos de atuação profissional.

- O Eixo de Formação Específica deve constituir a base do saber característico da área de atuação do cientista social. Entende-se que tal Eixo deva ser composto de um conjunto de atividades acadêmicas obrigatórias, optativas e complementares que fazem parte da identidade do curso (Antropologia, Ciência Política e Sociologia). Cabe ao Colegiado do curso definir criteriosamente as atividades que definem a especificidade do curso bem como a tradução destas em carga horária. ·
- O Eixo de Formação Complementar compreende atividades acadêmicas obrigatórias, optativas e atividades definidas a partir dos conjuntos temáticos das áreas específicas de formação do curso, bem como de atividades acadêmicas que fazem interface com aqueles conjuntos advindas de outros cursos da IES, definidas previamente no projeto pedagógico do curso.
- O Eixo de Formação Livre compreende atividades acadêmicas de livre escolha do aluno no contexto da IES. (BRASIL, 2001)

Santos (2010), ao analisar o documento em questão, aponta para o fato explicitado de que a graduação em Ciências Sociais deve evitar os processos de especialização precoces e favorecer um percurso que privilegia um campo de possibilidades com alternativas de trajetórias diversas e não apenas uma grade curricular fixa (BRASIL, 2001). Além disso, as diversas atribuições profissionais corroboram para o caráter amplo e disciplinar da formação (SANTOS, 2010).

O item 6 do documento sugere que os cursos de graduação em Ciências Sociais integrem estágios e atividades complementares:

Devem integralizar a estrutura curricular (com atribuições de créditos), atividades acadêmicas autorizadas pelo Colegiado tais como: estágios, iniciação científica, laboratórios, trabalho em pesquisa, trabalho de conclusão de curso, participação em eventos científicos, seminários extra-classe, empresa júnior, projetos de extensão. (BRASIL, 2001)

É pertinente destacar a importância de atividades “práticas” e com cunho instrumental, como programas de iniciação científica, trabalho em pesquisa e estágios, para que o aluno possa compor a sua formação como Cientista Social, sendo exposto a ferramentas que o auxiliem na leitura da sociedade.

Villas Bôas (2003) contribui para o debate ao analisar a evasão dos estudantes de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) entre os anos de 1939 e 1988 e sua relação com as constantes mudanças curriculares – desde sua fundação, em 1939. É oportuno ressaltar que a introdução e reformas curriculares coincidiram com os marcos da história política e social do Brasil. O estudo demonstra que mesmo diante das mudanças, reformas e aprimoramentos do currículo, a evasão dos alunos variou de 45% a 70% ao longo dos anos. Entretanto, em meio ao processo de abertura democrática, na década de 1980, o Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ dedicou-se a se reerguer frente aos danos causados pela repressão do regime militar. Nesta movimentação, passou a fazer parte do corpo discente pessoas com baixo nível de renda, moradores da periferia da cidade, balconistas, funcionários de pequenos estabelecimentos, com uma significativa parcela que não escolheu o curso de Ciências Sociais como primeira opção no vestibular. O alto índice de evasão e as dificuldades pedagógicas trouxeram a discussão sobre melhoria da graduação durante o movimento de reestruturação. Foi então que em 1986 criou-se o Laboratório de Pesquisa Social (LPS), que se consolidou com a implantação do Programa de Iniciação Científica¹², em 1988. Os programas resultaram em um índice de evasão de 2% dos alunos que deles participavam.

¹² O Programa de Iniciação Científica foi financiado pela Fundação Ford. Recebeu também incentivo do CNPq e da Sub-reitoria de Ensino e Graduação da UFRJ (VILLAS BÔAS, 2003, p.58).

Entre os motivos que favoreceram o engajamento dos alunos ao programas e, conseqüentemente, a baixa evasão do curso, estão a possibilidade de ampliação de uma rede de relações que corrobora o ingresso à pós-graduação, a oportunidade de obter uma bolsa de estudos e com isso a aquisição de livros necessários à formação, ampliação do convívio no meio acadêmico e o aumento do contato com os profissionais da área. Por fim, 50% dos participantes dos programas ingressou na pós-graduação, 45% entrou no mercado de trabalho, dos 22% atuantes em atividades do magistério secundário (VILLAS BÔAS, 2003).

Contudo, claro está que a presença de atividades práticas nos cursos de graduação em Ciências Sociais dá substância à formação dos estudantes. Apesar dessas atividades serem expressamente sugeridas nas diretrizes curriculares gerais, não deixam claro a regulamentação das atividades nem sua obrigatoriedade (SANTOS, 2003). Ainda, a resolução CNE/CES nº17/02¹³ demonstra:

Considerando que os instrumentos legais supracitados não contemplam expressamente o caráter de obrigatoriedade do estágio para o bacharelado, manifesto-me no sentido de que deve ficar a critério de cada instituição a sua inclusão no respectivo projeto pedagógico do Curso de Ciências Sociais, bacharelado. Registre-se a obrigatoriedade do estágio para a licenciatura. (BRASIL, 2002, p. 2)

1.2 A graduação em Ciências Sociais nas Instituições de Ensino Superior (IES) selecionadas

Conforme explicitado na apresentação do presente trabalho, pretendemos expor as grades curriculares dos cursos de Ciências Sociais das quatro IES selecionadas e analisá-las com base nas seguintes categorias:

¹³ [Resolução CNE/CES nº 17, de 13 de março de 2002](#) - Estabelece as Diretrizes Curriculares para os cursos de Ciências Sociais - Antropologia, Ciência Política e Sociologia

1. Objetivos do curso: quais capacitações o curso oferece e quais são suas possibilidades de atuação profissional expostas na apresentação dos cursos.
2. Disciplinas dedicadas ao ensino e aplicação dos métodos de pesquisa qualitativa e quantitativa e seu diálogo com as demais abordagens do curso.
3. Interdisciplinaridade e diálogos que convergem no eixo Sociologia, Antropologia e Ciência Política.
4. Profissionalização em curso: eventos e workshops profissionalizantes, pesquisas de campo e programas de incentivo à pesquisa.

Essas categorias foram pensadas com o intuito de tentar trazer algumas respostas para os questionamentos desta pesquisa. Todas as informações sobre os cursos, grades curriculares, apresentações e objetivos estão disponíveis nos sites das instituições citadas. Faz-se necessário, portanto, ressaltar que nem todas as categorias de análise serão contempladas apenas com base nas propostas dos cursos e grades curriculares. Nos basearmos apenas nas informações que as universidades dispõem em seus portais seria um equívoco e poderia trazer inconsistências para a pesquisa. A análise completa e consistente se dá nos terceiro e quarto capítulo deste trabalho, onde incluímos os dados coletados no trabalho de campo.

1.2.1 Ciências Sociais na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP

Fundado na década de 1960, o curso de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo é composto por oito semestres. A carga horária corresponde a 2.822 horas-aula. A mensalidade cobrada para os alunos ingressantes é de R\$2.430,00.

Objetivos do curso:

O curso de Ciências Sociais da PUC-SP tem como objetivo formar profissionais com a habilidade analítica necessária para atuação em uma sociedade dinâmica e multifacetada, que sejam capazes de avaliar criticamente situações complexas em empresas privadas, órgãos públicos e organizações sociais, elaborar projetos de pesquisa e subsidiar soluções possíveis para as questões do mundo contemporâneo.¹⁴

Nesta breve apresentação sobre o curso, não fica claro sobre qual tipo de “habilidade analítica necessária para atuação em uma sociedade dinâmica e multifacetada” está em questão. Apesar de genérico, fica explícita a ideia de que o aluno sai do curso capacitado a elaborar projetos de pesquisa e avaliar “criticamente situações complexas”. Entretanto, tais informações são pouco elucidativas e não transmitem ao aluno que pretende ingressar no curso quais são os possíveis caminhos a trilhar.

Já no que diz respeito à atuação profissional, o apelo à pesquisa aparece com um pouco mais de evidência, agências de pesquisa, centros culturais, instituições de ensino, instituições não governamentais e órgãos públicos são alguns dos espaços de atuação do Cientista Social. Nota-se, portanto, que a atuação no magistério e a carreira acadêmica não são evidenciados.

Atuação profissional

Os egressos do curso podem atuar em agências de pesquisa, centros culturais, instituições de ensino, organizações não governamentais e órgãos públicos. Podem ser requisitados para ocupar postos de trabalho em associações da sociedade civil, secretarias de governo municipal e estadual, assessoria de prestação de serviços públicos em empresas e em renomados institutos de pesquisa das condições sociais, políticas e econômicas da população brasileira.¹⁵

¹⁴ <https://www.pucsp.br/graduacao/ciencias-sociais#objetivo>

¹⁵ <https://www.pucsp.br/graduacao/ciencias-sociais#apresentacao>

As diretrizes de atuação profissional do curso de Ciências Sociais da PUC-SP parecem se inclinar mais na aplicação da pesquisa e menos para o magistério.¹⁶

Tabela 1- Grade Curricular PUC-SP

Período	Disciplinas	Carga horária (horas)
1º	Antropologia I	68
	Estatística I	34
	Fórum de debates contemporâneos	68
	Métodos e técnicas de pesquisa I	34
	Política I	68
	Sociologia I	68
2º	Antropologia II	68
	Eletiva I	68
	Estatística II	34
	Métodos e técnicas de pesquisa	34
	Política II	68
	Sociologia II	68
3º	Antropologia III	68
	Eletiva II	68
	Estudos orientados I	34
	Introdução ao pensamento teológico	51
	Política III	68
	Sociologia III	68
4º	Antropologia IV	68
	Política IV	68
	Sociologia IV	68
	Temática antropológica I	34
	Temática política I	34
	Temática sociológica I	34
	Teologia em diálogo com a sociedade	51
5º	Antropologia V	68
	Estudos orientados II	34
	Política V	68
	Sociologia V	68
	Temática antropológica II	34
	Temática política II	34
	Temática sociológica II	34
6º	Antropologia VI	68
	Estudos orientados III	34
	Política VI	68

¹⁶ Diante das evidências sobre as quais o autor esteve exposto durante sua própria permanência no curso de graduação, claro está que a docência e a dedicação à pesquisa acadêmica é um dos únicos caminhos possíveis para os egressos, embora a minoria consiga seguir carreira.

	Sociologia VI	68
	Temática antropológica III	34
	Temática política III	34
	Temática sociológica III	34
7º	Antropologia VII	68
	Eletiva III	68
	Optativa I	51
	Política VII	68
	Sociologia VII	68
	Trabalho de conclusão de curso I	34
8º	Estudos orientados IV	136
	Optativa II	51
	Trabalho de conclusão de curso II	34

Fonte: <https://www.pucsp.br/graduacao/ciencias-sociais#matriz-curricular>

Assim como determinam as diretrizes curriculares do Ministério da Educação, o curso de Ciências Sociais da PUC de São Paulo tem como base três principais frentes: Sociologia, Antropologia e Ciência Política. Tais disciplinas são obrigatórias e acompanham o aluno até o sétimo semestre do curso – são numeradas do I ao VII. Além disso, a partir do terceiro semestre, o aluno é exposto a outras matérias que representam os três eixos principais do curso, “Temática Antropológica”, “Temática Sociológica” ou “Temática Política”.

No que diz respeito às disciplinas que concedem ao aluno instrumentos de análise e ferramentas de pesquisa, a “Estatística” e “Métodos e Técnicas de pesquisa” estão presentes logo no primeiro ano de curso, ambas com 34 horas-aula no primeiro e no segundo semestre, somando 68 horas-aula cada uma. O contato inicial com essas disciplinas reforça o caráter de ciência aplicada explícito nos objetivos do curso.

Após o terceiro semestre, o aluno é submetido a uma disciplina denominada Estudos Orientados. Nos parece, portanto, que os estudantes são expostos a um processo de trabalho em pesquisa, seja ela empírica ou bibliográfica, sob orientação de um docente¹⁷. Essa disciplina acompanha o aluno no terceiro, quinto e sexto semestre com 34 horas-aula cada semestre. Já no oitavo semestre, a mesma disciplina conta com 136 horas-aula, um número muito maior em relação aos semestres anteriores, o que indica uma exposição bem maior às atividades de pesquisa.

¹⁷ É importante ressaltar que todas essas questões sobre os desdobramentos das disciplinas serão debatidas nas entrevistas.

A respeito da interdisciplinaridade e a articulação das disciplinas com os eixos da Sociologia, Antropologia e Ciência Política, no primeiro semestre há uma disciplina intitulada Fórum de Debates Contemporâneos, com 64 horas-aula. Além disso, o currículo apresenta disciplinas eletivas e optativas, cujo os assuntos são variados e vão de encontro a temáticas de especialidade do corpo docente.

A PUC-SP exige que o aluno entregue um trabalho de conclusão de curso (TCC). São 68 horas de disciplinas dedicadas ao trabalho de conclusão.

1.2.3 Ciências Sociais na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo - FESPSP

Criada como Escola Livre de Sociologia e Política no ano de 1933, se consagrou como uma das primeiras instituições de formação de sociólogos do Brasil. O curso de Ciências Sociais se iniciou em 1937 ao qual fizeram parte grandes intelectuais como Florestan Fernandes, Darcy Ribeiro, Juarez Brandão Lopes, entre outros (Brochier, 2018).

Sua carga horária é de 2.880 horas e sua mensalidade é de R\$1.100,00.

Com uma proposta um tanto diferente em relação aos outros cursos tradicionais de Ciências Sociais de São Paulo, como os da PUCSP e USP, a graduação leva o nome de Sociologia e Política e apresenta as seguintes características:

O curso de Sociologia e Política da Escola de Humanidades - FESPSP forma profissionais habilitados a interpretar, analisar e aplicar o conhecimento das Ciências Sociais Aplicadas à resolução de problemas inerentes à complexidade dos processos das esferas pública e privada.

O curso estrutura-se em 4 eixos:

1. Ciências Sociais Aplicadas – eixo voltado à constituição da base fundamental do conhecimento sociológico, antropológico e da ciência política, com o objetivo de orientar o estudante tematicamente, metodologicamente e epistemologicamente a compreender a realidade social na qual atuará de maneira propositiva visando a mudança social.
2. Pesquisa - eixo orientado ao conhecimento dos modos de operar e produzir o conhecimento das ciências sociais aplicadas, assegurando autonomia aos estudantes e egressos na busca, escolha, apropriação e construção de instrumentos e ferramentas para a produção do conhecimento sobre o social e a elaboração de projetos para a transformação da realidade.
3. Definição e Resolução de Problemas relacionados ao Direito à cidade – eixo estruturado pelos conhecimentos que permitem assumir a cidade e sua complexidade, tendo por referência a cidade de São Paulo, como lócus de atuação dos estudantes, com o objetivo de conhecer, problematizar, construir bases para elaborar pesquisas e estruturar respostas às necessidades sociais, políticas, econômicas apresentadas pela realidade urbana.
4. Inovação (ênfase na Inovação Social) – eixo orientado ao reconhecimento, a valorização e a necessidade de projetar as ações dos cientistas sociais que trabalham com aplicação, tendo por princípio a mudança social. Reitera-se nele a concepção de inovação que ultrapassa o caráter técnico e tecnológico e se apresenta em sua dimensão ética e política nos desafios para ampliação de repertório e o uso de ferramentas conceituais e metodológicas para o desenvolvimento das ciências sociais aplicadas.¹⁸

Com características que destoam do tradicional, o curso de Sociologia e Política da FESPSP traz como sua primeira característica fundamental as Ciências Sociais Aplicadas em diálogo com as três frentes fundamentais:

¹⁸ www.fespsp.org.br/graduacao/cursos/sociologia-e-politica#disciplinas

Sociologia, Antropologia e Ciência Política. Seu objetivo é orientar o estudante “tematicamente, metodologicamente e epistemologicamente”, isto é, fornecer aos alunos insumos técnicos e metodológicos para interpretar a realidade social.

O segundo aspecto proposto pelo curso - após as ferramentas para “interpretar a realidade social - é a pesquisa. Trata-se da pretensão de ensinar o estudante a produzir e operar o conhecimento articulado às Ciências Sociais. É pertinente destacar a relevância das palavras “instrumentos” e “ferramentas” para a produção de conhecimento que trazem um caráter de “competência para aplicar” ao egresso.

O terceiro aspecto resgata um pouco do contexto histórico da instituição ao propor a “Definição e Resolução dos problemas ao direito à cidade”. A FESPSP, então Escola Livre de Sociologia e Política, recebeu forte influência da Escola de Chicago em meados dos anos 1940. Essa influência contou com a notável participação de Donald Pierson, incorporado à instituição em 1939 e responsável por difundir teorias da escola norte americana em questão e técnicas de pesquisas como observação participante, técnicas de questionários, entrevistas diretas, voltadas ao estudo da cidade, etc (MENDONZA, 2005). É importante destacar, portanto, o grande apelo à pesquisa empírica, ao campo e à coleta de dados.

O quarto e último aspecto diz respeito à inovação, até então inédita nos currículos de Ciências Sociais. A ampliação do repertório e a possibilidade de utilizar ferramentas metodológicas e conceituais para o desenvolvimento das Ciências Sociais aplicadas pode ser considerada uma reciclagem do curso e um olhar ao mercado de trabalho.

A partir destes eixos, o curso desenvolve a interdisciplinaridade por meio de ensino, pesquisa e extensão, agregando conhecimentos teóricos, empíricos e aplicados. O ensino é estruturado com vistas a produzir as condições para que o corpo discente atue na resolução de problemas transformando realidades, beneficiando-se para tal da extensão inserida na matriz curricular, o que permite que as atividades

desenvolvidas no curso possam servir de instrumento e de suporte para as ações dirigentes no âmbito social, econômico e governamental.

Considerando estes aspectos, o curso de Sociologia e Política possui alguns diferenciais:

- Extensão na matriz curricular articulando o ensino e a pesquisa em ações voltadas à comunidade;
- A presença de disciplinas de métodos e técnicas de pesquisa desde o início do curso, que reforçam a formação específica para a pesquisa aplicada e estabelecem a interlocução com a extensão com vistas à resolução dos problemas sociais;
- O oferecimento de disciplinas voltadas ao estudo da cidade, com foco na cidade de São Paulo, para conhecimento, reflexão e análise sobre a realidade urbana local;
- O desenvolvimento de trabalhos interdisciplinares voltados para o conhecimento da literatura em língua portuguesa, assim como trabalho voltados à articulação entre os diversos saberes presentes no curso e as formações teórica, empírica e aplicada.

Destacamos para o caráter técnico que compõe a apresentação do curso. A presença de disciplinas de métodos e técnicas de pesquisa são colocadas como um dos diferenciais do curso proposto pela instituição. A interdisciplinaridade e a formação teórica, empírica e aplicada demonstra a preocupação da escola em produzir profissionais que atuem não só dentro da universidade.

Tabela 2 - Grade curricular FESPSP

Período	Disciplinas	Carga horária (horas)
1º	Análise Textual	36
	Conhecimento Científico, Ética e Pesquisa	36
	Introdução às Ciências Sociais Aplicadas	72
	Alteridade, Segregação e Hierarquias na Cidade: abordagens antropológicas	72
	Cidade e Instituições Políticas	72
	A Sociologia e a Cidade	72
2º	Fontes de Informação e Pesquisa	36
	Produção Textual	36
	Antropologia das Diferenças	72
	Estado e Instituições Políticas	72
	Sociologia das Desigualdades	72
	Economia política - 72h	72
3º	Teoria do conhecimento, Epistemologia e Ética	72
	Teorias da Democracia	72
	Humanismo, igualdade e diferenças	72
	Teoria e Pesquisa Social	72
	Perspectivas do Social	72
4º	Psicologia Social	72
	Sistemas Políticos, Partidários e Eleitorais	72
	Etnografia e cultura: modos de ver e fazer	72
	Investigação, aplicação e inovação social	72
	Planejamento de pesquisa	72
5º	Colonialidade do poder, Estado e identidade nacional	72
	Estado e desenvolvimento	72
	Perspectivas sociológicas da construção do Brasil	72
	Estratificação social e territorialidades	72
	Estatística para Ciências Sociais	72
6º	Etnologia e resistência: povos indígenas no Brasil	72
	Temas de Relações Internacionais	72
	Políticas Públicas e Cidadania	72
	Trabalho, tecnologia social e sociabilidades	72
	Pesquisa e Análise de Dados	72
7º	Antropologias do Capitalismo	72
	Problemas Políticos Contemporâneos	72
	Planejamento e avaliação de políticas públicas	72
	Desenvolvimento e Cidadania na América Latina	72
	Indicadores Sociais	36
	Perspectivas do Digital	36
8º	Temas Contemporâneos em Antropologia	72
	Economia brasileira	72
	Cidades Globais	72
	Sociotecnologias	72
	Prática de Pesquisa	72

Fonte: <https://www.fespsp.org.br/graduacao/cursos/sociologia-e-politica#disciplinas>

Apesar de estar explícito que a estrutura curricular do curso é alicerçada nos três eixos das Ciências Sociais – Sociologia, Antropologia e Ciência Política – as disciplinas não levam o nome de Sociologia I, II, III e assim

sucessivamente como faz a PUCSP. Trata-se de disciplinas com títulos diferentes mas que assumem a temática de uma das três frentes, como é o exemplo da “Alteridade, Segregação e Hierarquias na Cidade: abordagens antropológicas” que tem uma abordagem da Antropologia; “Cidade e Instituições Políticas” que trabalha com o olhar da Ciência Política; A Sociologia e a Cidade, que aborda temas da Sociologia. Ambas são as disciplinas com maior carga horária do primeiro semestre, com 72 horas-aula.

Disciplinas sobre metodologias de pesquisa estão em quase todos os semestres, desde o primeiro até o último. A partir do quinto semestre começam a aparecer disciplinas voltadas à pesquisa quantitativa: “Estatística para ciências sociais” e “Pesquisa e análise de dados” no sexto semestre, ambas com 72 horas-aula, são grandes exemplos de como o curso dá ferramentas para que o aluno se capacite na aplicação, condução e análise de pesquisas.

Vale destacar também o olhar para o digital, fato de extrema importância, que aparece no sétimo semestre intitulada “Perspectivas do Digital” com 36 horas-aula e “Sociotecnologias”, no oitavo semestre, com 36 horas-aula.

1.2.4 Ciências Sociais na Universidade de São Paulo – USP

Fundada em 1934, a escola de humanidades da USP se deu no mesmo período da FESPSP, importante marco para a sociologia brasileira, como já vimos. Para sua inauguração, foram contratadas personalidades como Claude Lévi-Strauss, Roger Bastide e Paul Arbousse Bastide para compor o corpo docente da universidade, inspirados no projeto educacional empreendido pela elite da época (Yung, 2020). O objetivo dessas contratações era o desenvolvimento de uma ciência no Brasil com características científicas europeias.

Focada na formação tradicional e teórica do Cientista Social, a universidade descreve o curso como:

O curso de graduação em Ciências Sociais está estruturado, atualmente, em torno de três grandes campos de conhecimento teórico e metodológico, formados pelos Departamentos de Sociologia, Antropologia e Ciência Política, que formam as áreas nucleares do curso juntamente com Metodologia e Técnicas de Pesquisa.

Com esta estruturação modular do Curso de Ciências Sociais, espera-se que o cientista e/ou profissional da área disponha de formação teórica e de pesquisa que o habilite a desenvolver a capacidade analítico-crítica; ter domínio das principais correntes de pensamento e das mais importantes obras e autores que construíram as Ciências Sociais, do século XVIII até a atualidade; ter o domínio dos principais conceitos teóricos e metodológicos por meio dos quais possam ser identificados e analisados os problemas sociais, culturais, econômicos, políticos, etnográficos etc. da sociedade moderna.¹⁹

Estruturado a partir das três frentes das Ciências Sociais, o curso da USP é composto por áreas nucleares, metodologia e técnicas de pesquisa. Fica evidente a inclinação estritamente teórica explicitada na apresentação do curso. A capacidade analítico-crítica e o domínio das correntes de pensamento mais importantes das Ciências Sociais são colocados em evidência.

O cientista social é o profissional habilitado a compreender de modo amplo as relações sociais do passado e do presente, num mundo marcado por discrepâncias e antagonismos históricos entre diferentes povos e entre grupos formadores de um mesmo povo.

De uma maneira um tanto genérica, a profissionalização do discente se traduz na capacidade de compreender as relações sociais. Não há menção ao mercado de trabalho, nem a áreas de atuação como nos outros cursos analisados.

É importante destacar que este estamos analisando nesse trabalho apenas o curso Bacharel em Ciências Sociais da USP. Entendemos que o

¹⁹ <https://graduacao.fflch.usp.br/ciencias-sociais>

curso de Licenciatura seria um caso a parte a ser analisado, o que não faz parte do escopo da presente pesquisa.

Para concluir o bacharelado em Ciências Sociais, é necessário que o aluno cumpra 155 créditos, sendo 78 obrigatórios e 77 de disciplinas optativas. Entre as optativas, são necessários 57 créditos de disciplinas oferecidas pelo departamento de Antropologia, Ciência Política ou Sociologia. Entre as disciplinas, o aluno é obrigado cumprir 08 créditos em disciplina de Economia, sendo 04 créditos em matéria obrigatória - ou seja, que já estão na grade obrigatória - e 04 em optativas, que dá a possibilidade de o aluno escolher cursá-las em outros departamentos, como o Departamento de Economia da Faculdade de Economia e Administração da USP (FEA/USP).

Tabela 4 - Grade curricular USP

Período	Disciplina	Carga horária Total	CP
1º	Introdução às Ciências Sociais (Antropologia)	90	20
	Política I - Pensamento Político Moderno	90	20
	Introdução às Ciências Sociais (Sociologia)	90	20
	Noções de Estatística	60	
2º	Antropologia II	90	20
	Política II (Pensamento Político Moderno)	90	20
	Sociologia II	90	20
3º	Antropologia III - Estruturalismo	90	20
	Política III (Teoria Política Contemporânea)	90	20
	Sociologia III	90	20
	Métodos e Técnicas de Pesquisa I	90	20

4º	Antropologia IV - Questões da Antropologia Contemporânea	90	20
	Política IV - Introdução às políticas públicas	90	20
	Sociologia IV	90	20
	Métodos e Técnicas de Pesquisa II	90	20
5º	Fundamentos de Economia para CS	60	
	Práticas de Pesquisa (sociologia, política ou antropologia)	90	20

Fonte: <https://uspdigital.usp.br/jupiterweb/listarGradeCurricular?codcg=8&codcur=8040&codhab=104&tipo=N>

Nota-se, portanto, que até o quinto semestre a grade curricular é composta apenas por disciplinas obrigatórias. A partir do quinto semestre o aluno pode escolher disciplinas oferecidas pelos departamentos. As únicas disciplinas obrigatórias no quinto semestre são "Fundamentos da Economia para as Ciências Sociais" e "Práticas de Pesquisa", que o aluno pode escolher cursar entre Sociologia (disciplina denominada Práticas de Pesquisa em Sociologia), Antropologia (disciplina denominada Pesquisa de Campo em Antropologia) e Política (disciplina denominada Métodos e Técnicas de Pesquisa em Ciência Política). A lista das disciplinas optativas é extensa e não se faz necessária a sua apresentação neste trabalho²⁰.

Um ponto que fica evidente ao analisarmos a grade curricular da USP, é que ela é a única das IES selecionadas que incorpora a "Carga horária de Práticas como Componentes Curriculares" (CP) nas horas totais das disciplinas obrigatórias (90 horas). As CP representam as horas que o aluno do Bacharelado em Ciências Sociais se dedica às leituras e trabalhos acadêmicos fora da sala de aula²¹. Outro elemento que nos chama a atenção é o caráter

²⁰ Lista completa em:

<https://uspdigital.usp.br/jupiterweb/listarGradeCurricular?codcg=8&codcur=8040&codhab=104&tipo=N>

²¹ Ao consultarmos as "Informações Acadêmicas de Graduação", disponível no site da USP, nos deparamos com as informações que estão nas instruções sobre a conclusão do curso de Licenciatura, mas que explicam que as CPs estão inclusas nas disciplinas obrigatórias do curso Bacharelado: "Para obter o diploma de Licenciatura o aluno do curso de Ciências Sociais deve contabilizar 400 horas de Prática como Componente Curricular. Tais práticas estão incluídas nas disciplinas obrigatórias do curso

rigorosamente teórico, com disciplinas que percorrem toda a história do pensamento das três frentes das Ciências Sociais. A grade horária da USP A disciplina “Noções de estatística” aparece logo no primeiro semestre. O terceiro e o quarto semestre contam com a disciplina “Métodos e Técnicas de Pesquisa” I e II, respectivamente.

A partir do quarto semestre, métodos e técnicas de pesquisa em Antropologia, Sociologia ou Ciência Política passam a fazer parte do quadro de disciplinas. Este fato demonstra que a especialização em uma das frentes é um importante elemento para o Cientista Social. Por outro lado, a possibilidade de o aluno poder escolher as disciplinas que irá cursar para concluir o restante dos créditos, remete a uma certa interdisciplinaridade no curso.

1.2.5 Ciências Sociais e do Consumo na Escola Superior de Propaganda e Marketing - ESPM

Criado em 2015, o curso oferecido pela ESPM apresenta um caráter totalmente desarticulado em relação aos outros cursos de Ciências Sociais aqui analisados. Composto por 2.790 horas, a mensalidade é de R\$3.726,00.

O curso é apresentado como:

Este curso é para quem tem a curiosidade em compreender o comportamento humano, explicar as tendências da sociedade e entender, afinal, por que as pessoas fazem o que fazem. Ao final do curso, você será capaz de trabalhar em áreas relacionadas à economia comportamental, tendências, consumer insights, comportamento humano, inteligência artificial e gestão da diversidade e inclusão, além de trabalhar em pesquisas sobre temas correlatos.

Este é um verdadeiro curso de Ciências do Comportamento, pois alia as disciplinas clássicas das ciências sociais - sociologia, antropologia e ciência política - a uma significativa carga de psicologia. Para quem curte analisar e compreender o comportamento humano, este é, entre todos os cursos de graduação, o que oferece a maior carga horária e quantidade de disciplinas de psicologia (claro, sem contar as

faculdades de psicologia). Além de combinar ciências sociais e psicologia, também oferece disciplinas ousadas, como sexualidade humana, ciências da religião e neurociências. Veja se você se identifica com um ou mais dos interesses:²²

É explícito o caráter mercadológico que o curso apresenta. Os objetivos do curso consistem em analisar as tendências de mercado articuladas ao comportamento humano interpretado pelas Ciências Sociais. Por mais estranho que isso possa parecer, o fato é que há uma movimentação das instituições de ensino para atrelar o conhecimento das Ciências Sociais ao consumo. Sem se desvencilhar totalmente das diretrizes curriculares sugeridas pelo MEC, o curso trata, em menor escala, obviamente, das três frentes das ciências sociais: Sociologia, Antropologia e Ciência Política.

Seus diferenciais são apresentados como:

- Pesquisa de mercado e consumer insights
- Estudo da diversidade e inclusão
- Alta carga horária de psicologia
- Análise de comportamento e tecnohumanismo
- Ênfase em marketing e gestão de pessoas

Como diferenciais, aparecem aspectos estritamente mercadológicos e voltados aos negócios. A pesquisa de mercado está como uma das principais características do curso, seguida do marketing e gestão de pessoas, disciplinas imprescindíveis para o mundo corporativo.

Trata-se de um ensino com outro foco, mas que se apropria de alguns aspectos das Ciências Sociais para se inserir em alguma aresta do mercado de trabalho.

22

https://www.espm.br/cursos-de-graduacao/ciencias-sociais-e-do-consumo/?utm_term=&utm_campaign=%5BPM%5D+Teste&utm_source=adwords&utm_medium=ppc&hsa_acc=7470326135&hsa_cam=18078372870&hsa_grp=&hsa_ad=&hsa_src=x&hsa_tgt=&hsa_kw=&hsa_mt=&hsa_net=adwords&hsa_ver=3&gclid=CjwKCAjwpKyYBhB7EiwAU2Hn2WMbwN409Nd2dYCp3SjKvq9ksp5FsuhQ1csylFcZhFrTafyfnxZj8xoC4CwQAvD_BwE

Tabela 3 - Grade curricular ESPM

Semestre	Disciplina	Carga Horária (horas)
1º	Pensamento Contemporâneo	72
	Fundamentos de Raciocínio Lógico e Analítico	72
	Filosofia Contemporânea	72
	Psicologia: Motivação e Emoção	72
	História Contemporânea	72
	Identidade e Diversidade	72
	ESPM Life Lab I (Extensão – EAD)	72
2º	Fundamentos Em Marketing	72
	Análise e Visualização de Dados	72
	Comportamento do Consumidor	72
	Psicologia da Personalidade	72
	Sociologia Contemporânea	72
	Teorias Antropológicas	72
	ESPM Life Lab II (Extensão – EAD)	72
3º	Marketing Estratégico	72
	Fundamentos da Economia	72
	Pesquisa de Mercado: Método Qualitativo	72
	Comportamento do Consumidor II	72
	Psicologia Social	72
	Eletiva	72
	ESPM Life Lab III (Extensão – EAD)	72
4º	Neurociências Aplicada Ao Consumo	72
	Bioética	72
	Teorias Das Organizações e Gestão	72
	Ciências Políticas	72
	Etnografia e Tendências do Consumo	72
	Eletiva	72
	ESPM Life Lab IV (Extensão – EAD)	72
5º	Economia Comportamental	72
	Inteligência Artificial e A Sociedade	72
	Cultura, Religião e Consumo	72
	Eletiva	72
	ESPM Life Lab V	72
6º	Construção de Cenários	72
	Geopolítica	72
	PGC I	36
	Eletiva	72
	ESPM Life Lab VI (Extensão – EAD)	72
7º	Sociologia Urbana	72

	PGC II	72
	Eletiva	144
8º	Sociologia do Futuro	72
	PGC III	72
	Eletiva	72

Fonte:

https://www.espm.br/cursos-de-graduacao/ciencias-sociais-e-do-consumo/?utm_term=&utm_campaign=%5BPM%5D+Teste&utm_source=adwords&utm_medium=ppc&hsa_acc=7470326135&hsa_cam=18078372870&hsa_grp=&hsa_ad=&hsa_src=x&hsa_tgt=&hsa_kw=&hsa_mt=&hsa_net=adwords&hsa_ver=3&gclid=CjwKCAjwpKyYBhB7EiwAU2Hn2WMbWn409Nd2dYCp3SjKvq9ksp5FsuhQ1csyLfCzhFrTafyfnxZj8xoC4CwQAvD_BwE

Diante da grade curricular apresentada pela ESPM, fica claro que as principais disciplinas das Ciências Sociais são secundárias. Disciplinas como Antropologia e Sociologia aparecem apenas no segundo semestre, ficando atrás de “Fundamentos de Raciocínio Lógico e Analítico”, “Psicologia: Motivação e Emoção” e “Inclusão e diversidade”. Este fato evidencia que a preocupação aqui não é o embasamento teórico-crítico da Sociologia, Antropologia e Ciência Política.

O curso é o único das IES selecionadas com uma proposta de curso integral. Até o quarto semestre os alunos estudam em período integral (das 7h20 às 17h30), a partir do quinto semestre o curso passa a ser apenas noturno, o que é um indicativo de que os alunos tenham um tempo dedicado ao estágio.

Outro ponto que chama a atenção é a disciplina intitulada “Etnografia e Tendências do Consumo” que atrela diretamente uma técnica oriunda da antropologia ao consumo e, portanto, ao uso mercadológico.

É pertinente ressaltar que as análises dos cursos aqui apresentadas são apenas parte da reflexão sobre as grades curriculares, uma vez que as entrevistas com estudantes, egressos e coordenadores trarão mais substância à pesquisa com base nos dados e nas evidências coletadas durante o trabalho de campo.

No entanto, não poderíamos iniciar o debate entre o que as propostas dos cursos apresentam, a visão dos professores/coordenadores e dos alunos e egressos, sem antes situar o leitor sobre como se deu o início do relacionamento entre a pesquisa de mercado no Brasil e as Ciências Sociais, e

qual o entendimento das Ciências sociais sobre o consumo. Tais temas estão abordados no capítulo II.

SEGUNDO CAPÍTULO

A relação entre a Pesquisa de Mercado e as Ciências Sociais

2.1 O surgimento da pesquisa de mercado no Brasil e o diálogo com os Cientistas Sociais

Com o objetivo de resgatar a história da pesquisa de mercado no Brasil e tentar identificar uma personalidade singular sobre o assunto nos trópicos, que sofreu muita influência sobre o modo de pensar e executar pesquisa dos Estados Unidos, a ABEP (Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa), entidade que contribui para a evolução e profissionalização da indústria da pesquisa no Brasil, fundada em 1984, desenvolveu um estudo que percorre historicamente todas as etapas da pesquisa no país, desde o início até a sua institucionalização. Nele é datada a primeira pesquisa de mercado realizada no país, no ano de 1934, executada pela N. W. Ayer e Son²³, que teve como objetivo compreender os hábitos dos consumidores de café, e foi encomendada pelo Departamento Nacional do Café²⁴, órgão que estava interessado em criar uma campanha publicitária para alavancar o consumo da bebida diante das baixas decorrentes da crise de 29.

É interessante destacar que os pesquisadores recrutados para desenvolver a pesquisa eram estudantes da Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP):

Os pesquisadores deste período eram recrutados entre os estudantes da Escola de Sociologia e Política, fundada em

²³ Agência de Publicidade da Filadélfia, fundada em 1869.

²⁴ O Departamento Nacional do Café (DNC) foi criado pelo decreto n. 22.452, de 10 de fevereiro de 1933, e extinto pelo decreto-lei n. 9.068, de 15 de março de 1946. Era subordinado ao Ministério da Fazenda e tinha por atribuições dirigir e superintender os negócios do café, arrecadando e dispondo das quantias arrecadadas, tendo em vista a melhoria da produção; unificar as medidas de defesa econômica do café nos estados; promover a repressão à fraudes e adulterações do produto; exercer fiscalização efetiva sobre os institutos e associações de café existentes; organizar a propaganda e divulgação, por todos os meios, do processo de torração e moagem do café; regularizar e fiscalizar o embarque e transporte do café pelas estradas de ferro do país. (Fonte: Arquivo Nacional do Governo Federal).

1933 e inspirada na Universidade de Chicago de onde vieram muitos dos seus primeiros docentes. Otávio da Costa Eduardo era um dos estudantes desta escola e dos primeiros pesquisadores do país, tendo exercido grande influência sobre o desenvolvimento da atividade ao longo de sua história, como executivo de empresas, referência técnica e liderança política do setor. (ABEP)

Como mencionado no primeiro capítulo deste trabalho, a FESPSP recebeu forte influência dos pesquisadores da Universidade de Chicago, que trouxe a importância de instrumentos de coleta de dados, como pesquisas de campo, entrevistas em profundidade, técnicas de construção e aplicação de questionários, observação participante, entre outros. Otávio da Costa Eduardo, citado na pesquisa da ABEP como um dos pioneiros na pesquisa de mercado no Brasil, era então estudante de Ciências Sociais na FESPSP (FERRETTI, 2017). Portanto, diante desses fatos, poderíamos encarar como mero acaso essa interlocução entre estudantes da Escola de Sociologia e Política de São Paulo com a pesquisa de mercado? Ou de fato uma tradição de forte apelo instrumental e empírico contribuiu para que os interessados em entender melhor o mercado procurassem estudantes da instituição?

De qualquer forma, tais acontecimentos explicitam que este relacionamento entre as disciplinas existe, mesmo que em pequena escala, desde o início do desenvolvimento da pesquisa de mercado no Brasil.

Ainda incorporando o histórico da pesquisa de mercado no Brasil, a pesquisa da ABEP o apresenta como tendo três grandes períodos: pré-história, etapa nacional e etapa de globalização, sendo a segunda etapa - a nacional -, dividida em três sub-períodos, os quais são criação e desenvolvimento das primeiras empresas, expansão e transição.

A etapa da pré-história é caracterizada pela chegada das grandes agências de propaganda no Brasil, na década de 20, vindas de terras norte-americanas e trazendo na bagagem ferramentas de pesquisa. Esta etapa vai até meados de 1942, ano de surgimento da primeira empresa de pesquisa criada no país, o Ibope, em 1942.

A segunda etapa, denominada de Etapa Nacional, ocorre a partir da criação do Ibope (1942) até o final do século XX. Dividida em três sub-períodos, consiste em: criação e desenvolvimento das primeiras empresas nas décadas de 40 e 50; expansão, que foi o período da multiplicação de metodologias, profissionais, clientes, empresas e produtos, entre os anos 60, 70 e 80; transição, que representou mudanças de lideranças e abriu espaço para empresas que se transformaram, a partir dos anos 90, em grandes empresas multinacionais de pesquisa no Brasil.

Por fim, a terceira e última etapa, a globalização: época em que as grandes multinacionais se consolidaram no Brasil e dominaram o mercado:

As multinacionais se consolidam no mercado brasileiro nos anos 2000, quando as empresas globais adquirem os institutos nacionais, que passam a definir o *modus operandi*, o que resulta no monopólio do mercado, concentrando 75% das pesquisas nas mãos dos grupos Ibope, Nielsen, Ipsos, GFK, TNS e Millward Brown. (LOSCHI, 2018, p.29)

Como substrato da Sociedade do Consumo, a pesquisa de mercado é essencial para a empresa capitalista, sobretudo as que trabalham com bens de consumo imediato. Junto ao desenvolvimento tecnológico e industrial no Brasil, a pesquisa de mercado passou a ser regularmente utilizada no país à medida que o capital estrangeiro começou a implementar a tecnologia do Marketing. (DURAND, 1984)

2.2 Qual o entendimento das Ciências Sociais sobre o consumo?

Ampliando a análise para uma perspectiva mais abrangente, é necessário investigar a produção científica das Ciências Sociais a respeito do Consumo. Neste sentido, recorrer à literatura sociológica nos parece adequado para tentarmos obter pistas sobre quais os pontos de convergência entre a natureza sociológica e a mercadológica.

É pertinente, portanto, situar que as Ciências Sociais empreenderam esforços para observar os significados estruturais contidos nas práticas de

consumo. Mary Douglas (2007 [1978]), aborda o consumo de bens como um sistema de comunicação análogo à linguagem. Pensado sob a perspectiva de um sistema simbólico, os bens de consumo possibilitam a interpretação da sociedade através de padrões sociais evidenciados pela compra e uso de bens. Pierre Bourdieu (2007 [1979]), perante a ótica sociológica, assume essa premissa e direciona sua reflexão para os bens como reflexo das distinções de classe. O consumo é visto como mais um meio de reproduzir padrões sociais.

Daniel Miller (2007 [1987]), observa o consumo como canal de construção cultural e não somente como uma consequência obscura da sociedade capitalista. Enxerga os bens de consumo não simplesmente como mercadorias, mas como peças integrantes da cultura contemporânea e, como tal, participantes do processo de objetificação, denominado por ele de cultura material.

Pode-se compreender, portanto, a partir desses autores que pensam o consumo pela perspectiva das Ciências Sociais e sob a ótica não mercadológica, que este fenômeno vai além da racionalidade econômica e é carregado de símbolos, signos, significados e valores. O consumo de marcas e produtos opera como códigos que representam toda uma dinâmica social.

Por sua vez, McCracken (2003 [1988]) se propõe a debater a ligeira interdisciplinaridade entre as Ciências Sociais e o Marketing, e indica que ambas as disciplinas já se mostraram relutantes ao absorver em suas reflexões a relação entre a cultura e o consumo. Para o autor, o campo do comportamento do consumidor começou a ir além de se preocupar apenas com "os processos de tomada de decisão" ao observar o papel de outros fatores cognitivos, em especial os simbólicos. Passou a considerar no campo metodológico contextos culturais e sociais mais amplos do consumo, e não somente aqueles baseados nos indivíduos, inicialmente herdados da psicologia. Também, passaram a abordar como tópico de pesquisa elementos que não apresentavam relevância, em primeira impressão, com a comunidade do Marketing. O comportamento do consumidor deixou de ser encarado apenas como realidade do indivíduo e passou a ser analisado como um conjunto de fenômenos culturais e altamente sistemáticos. Rocha (1995), ao tentar aproximar os dois eixos epistemológicos, afirma que a demanda para

este feito advém da cultura contemporânea. Em sua concepção, a compreensão da sociedade exige o entendimento de aspectos intelectuais e teóricos das duas disciplinas.

O consumo é um instrumento de mediação para outro fim. Através dele também podemos enxergar a confirmação e o reforço de identidades, diferenciação social, posição social e satisfação das necessidades definidas socialmente. Por isso, investigar o consumo inclui entender como um processo social – o consumo – se conecta a outras partes da vida social e como ele funciona como mediador entre as diferentes esferas do campo social (BARBOSA, 2003). Desta maneira, afirma a autora, é fundamental que os profissionais que se dedicam ao estudo do comportamento do consumidor estejam cientes que o Marketing lida com processos culturais que fazem parte, na maioria das vezes, de sua própria natureza, ou seja, devem observar além de como os sujeitos são constituídos no universo material, mas também como eles percebem e utilizam objetos neste universo. Seriam estes os fatos que justificam a busca de empresas por profissionais das Ciências Sociais para comporem seus quadros de funcionários? Ou é apenas a competência técnica e instrumental de pesquisa que os levam a ocupar esses postos?

A expansão dos bens de massa e do consumo emergiu com o advento da modernidade e, com isso, surgiram novos indícios de preocupação das Ciências Sociais com os elementos que englobam esses fenômenos. Por vezes visto apenas sob a ótica da racionalidade econômica, o consumo, em seu sentido mais amplo, é um fenômeno que permeia todas as sociedades humanas.

Publicados em meados da década de 1970, os trabalhos de Douglas e Isherwood (1978) e Bourdieu (1979), buscaram ultrapassar a visão utilitária a respeito do consumo - prevalecente na concepção economicista - e dar a devida atenção ao significado estrutural, simbólico e cultural contido nas práticas de consumo.

Há, ainda, autores que afirmam que os interesses das Ciências Sociais pelo fenômeno do consumo surgiram um pouco antes. Vleben (1965), com o clássico publicado em 1899, denominado *A teoria da Classe Ociosa*, afasta o

consumo da posição de efeito reflexo ou consequência da produção capitalista e o destaca como fenômeno que narra e expressa elementos contidos nas relações sociais. Ao analisar uma classe cujo os membros tinham o privilégio de se manterem sem trabalhar, a classe ociosa era composta por pessoas ricas que priorizavam a exibição da riqueza de maneira exagerada, onde o consumo ostentatório de objetos era entendido como delineadores de status e instrumento de distinção social. Assim como Douglas (1978), Vleben vai além do viés economicista que atribui o consumo exclusivamente a uma prática utilitária e se atenta ao significado cultural envolto às práticas de consumo. Esboça os primeiros indícios de que o consumo pode operar como expressão de status social e ser capaz de construir uma estrutura de diferenças entre grupos ou indivíduos.

Marcel Mauss (1974), em *Ensaio sobre a dádiva*, contribui para as reflexões a respeito do valor simbólico do sistema de trocas. Expõe a ideia que as trocas respondem também às necessidades culturais e não apenas econômicas. Trocas podem significar retribuição, prestígio, honra e poder. Neste sentido, Mauss (1974) aponta que as trocas são fenômenos coletivos e evidencia o “dar e receber” como prática obrigatória da troca.

Douglas e Isherwood (1978) em *O mundo dos Bens* incluem o consumo também no universo social, deixando de lado a visão singular de que o consumo é resultado ou objetivo do trabalho. O consumo tem de ser reconhecido como parte integrante do mesmo sistema social que explica a disposição para o trabalho, ele próprio parte integrante da necessidade social de relacionar-se com outras pessoas, e de ter materiais mediadores para essas relações. (DOUGLAS: ISHERWOOD, 1978)

Em crítica à teoria econômica, Douglas e Isherwood (1978) apontam que a ideia de indivíduo racional é “uma abstração impossível da vida social”. Para eles, não é possível olhar para indivíduos que comprem bens, sejam eles quais forem, sem considerar as transformações provocadas ao compartilharem o consumo. Sob essas concepções, os autores procuram demonstrar – também a partir do entendimento metafórico – os motivos pelos quais os consumidores comprem bens. Os bens são neutros, seus usos sociais.

Com uma contribuição fundamental acerca do significado estrutural das práticas de consumo, Marshall Sahlins (1979), em *Cultura e Razão Prática*, traz ao debate as faculdades culturais dos bens de consumo da sociedade americana. Destaca que esta sociedade, mesmo orientada pela concepção burguesa da racionalidade econômica, onde a lógica utilitarista e a razão prática imperam, expressam símbolos e significados por meio do consumo. A própria busca pela lógica racional de produção e consumo de bens ordena uma lógica cultural e produz representações simbólicas nas relações sociais.

Pierre Bourdieu (1979), em *A Distinção*, compõe uma análise complexa sobre as práticas de consumo. Aponta que o consumo tem um papel central na criação e manutenção das relações sociais e de dominação, uma vez que, em sua concepção, os processos estruturantes do consumo são elementos fundamentais para a reprodução das relações de classe.

Daniel Miller (1987) em *Consumo como Cultura Material* investiga o consumo como um aspecto pertencente à cultura material. Em um primeiro momento, Miller questiona o fato de as primeiras abordagens das Ciências Sociais sobre o consumo serem fundadas sobre um “peculiar preconceito antimaterial”. No segundo, o autor se foca nos objetos pertencentes a cultura material e aponta que a relação entre os indivíduos e os bens de consumo nos dão pistas para a compreensão das relações sociais.

Sob esta perspectiva, ressalta Miller (1987), a estruturação das distinções sociais baseadas no estudo do consumo de bens como sistema cultural, se transformou em uma indústria e tende a dominar as abordagens nos estudos culturais e a semiótica se mostrando influente no comércio como importante elemento na busca por lacunas nas estruturas sociais possam ser preenchidas com um produto mais assertivo e direcionado.

Segundo o pressuposto que os bens são codificados para a comunicação, os autores afirmam que o que o pesquisador precisa investigar é como os bens permitem que o consumidor se envolva com outros indivíduos em uma série de trocas. Diferentemente das necessidades básicas para a sobrevivência, que são dotadas de elementos insubstituíveis como comida e bebida, na vida social essa “sobrevivência” torna-se mais complexa e com

aparatos menos essenciais para a sobrevivência. O consumo de produtos e serviços de determinados tipos ou marcas opera como códigos que representam toda uma dinâmica social.

Dentro de diferentes perspectivas, esses autores apontam para o fato de que o consumo contemporâneo vai além da racionalidade econômica, ou seja, é carregado de símbolos, signos, significados e valores. O interesse deles em debater essas questões difere do Marketing, mas abre a “possibilidade” de uso servindo de fundamento às pesquisas e direcionamento de produtos e serviços.

Nos parece que, apesar de haver um interesse comum sobre o estudo do consumo, os seus objetivos são completamente diferentes. Enquanto as Ciências Sociais identificam o consumo como parte de uma dinâmica social contemporânea, o Marketing tenta absorver aspectos subjetivos em meios as relações de consumo para identificar de maneira mais clara os interesses e modos de agir dos consumidores para, portanto, vender cada vez mais produtos.

2.3 De onde vem o interesse em requisitar esse tipo de profissional?

Jaime Júnior (2001), retém a importância do aporte antropológico e sociológico na gestão de Marketing ao citar casos de empresas que adequaram seus produtos a partir da observação e compreensão das dimensões simbólicas e culturais dos consumidores. Segundo o autor, ao reconhecer e sistematizar a diferenciação cultural entre regiões do Brasil, as organizações puderam adaptar seus produtos de acordo com os gostos da população de cada localidade. No entanto, alerta Júnior (2001), apesar das abordagens demonstrarem a presença da dimensão simbólica e cultural no comportamento do consumidor, as identidades culturais identificadas são carregadas de estereótipos e podem reduzir a pluralidade de opiniões, tornando a complexidade da sociedade em uma observação exata.

Barbosa (2003) expõe que o Marketing lida inteiramente com os processos culturais por ter como uma de suas principais tarefas a transformação do universo impessoal da produção no mundo personalizado e dinâmico do consumo.

Entender os consumidores e satisfazer seus desejos e necessidades melhor do que os seus concorrentes é um dos principais objetivos do Marketing e, portanto, os profissionais de Marketing precisam compreender como os consumidores pensam, sentem e agem (KOTLER; KELLER, 2006). Isso implica em uma visão holística dos processos e mudanças sociais em que um indivíduo ou seu grupo está situado. "O comportamento de compra do consumidor é influenciado por fatores culturais, sociais e pessoais. Entre eles, os fatores culturais exercem a maior e mais profunda influência." (KOTLER; KELLER, 2006, p. 164)

Neste sentido, Kotler e Keller (2006) apontam que fatores como cultura, subcultura e classe social são particularmente importantes e devem ser considerados nos estudos sobre o comportamento do consumidor. Para eles, a cultura é o principal determinante dos desejos e do comportamento do consumidor.

Partindo de uma perspectiva histórica, Castro (2006) aponta cinco teorias interdisciplinares a respeito dos estudos sobre o comportamento do consumidor: Teoria da Racionalidade Econômica; Teoria Comportamental; Teoria Psicanalítica; Teoria Cognitivista e Teoria Social Antropológica.

Inicialmente, as primeiras análises sobre comportamentos de compra foram empreendidas pela Microeconomia no início do século XX. Denominada Teoria da Racionalidade Econômica, seu eixo central baseou-se na racionalidade presente nos processos de consumo, isto é, o consumidor obedece a uma lógica egoísta e maximizadora, onde suas escolhas de consumo são pautadas pela busca de benefícios – sejam eles prazer ou satisfação – pelo menor custo possível.

A Teoria Comportamental apoia-se na psicologia a fim de obter uma análise aprofundada sobre o que se passa na mente do consumidor. Abordando fatores cognitivos, motivacionais e emocionais envolvidos no

processo de decisão de compra, relaciona as atuações do indivíduo e suas relações com o meio ambiente, com seu comportamento de compra. No mesmo campo da compreensão da dinâmica psicológica do consumo, a Teoria Psicanalítica, baseada na Psicanálise, apresenta o consumo como expressão dos desejos inconscientes, onde o indivíduo projeta suas angústias, conflitos, desejos e expectativas.

A Teoria Cognitivista, uma das mais utilizadas para integrar produto, ambiente e consumidor, enxerga o consumo como um processo de tomada de decisão. Esta concepção implica em observar o consumidor fazendo escolhas a partir de atributos como memória, aprendizagem, fatores socioculturais e situacionais, ou seja, entende-se o processo de tomada de decisão que tem como referência um conjunto de influências localizadas no meio ambiente.

Por último, destacaremos a Teoria Social e Antropológica, campo de debate que mais nos interessa na presente pesquisa. Nesta concepção, Castro (2006) expõe os antropólogos como examinadores de comportamentos culturais, sociais, linguísticos, tecnológicos e familiares. A teoria aparece como defensora do ângulo que enfoca o consumo como processo social e, por isso, sua dinâmica deve ser pensada a partir da análise minuciosa de seus condicionamentos históricos, sociais e culturais.

As abordagens sociais e antropológicas oferecem ao profissional de marketing uma compreensão mais aprofundada sobre a dinâmica social e cultural que rege os processos de consumo (CASTRO, 2006, p.25)

Aparentemente, dada a dimensão simbólica do consumo em meio a um mercado altamente nichado, seria, portanto, necessário uma análise um tanto mais rigorosa e complexa acerca do consumo. Barbosa (2003), ao pesquisar sobre os métodos aplicados às pesquisas voltadas ao consumo, expõe:

Pesquisar consumo e fazer marketing é trabalhar com a cultura material de uma sociedade sob a forma de mercadorias e serviços, e estudar como ela se insere no interior de um determinado estilo de vida e ideologia. Para se fazer isso de forma adequada, é necessário adotar uma forma ordenada de olhar para os mais diferentes tipos de

dados e não os deixar flutuando em um vácuo acima do contexto social a que eles pertencem, fora do alcance do sistema de classificação que lhes atribui sentido. (BARBOSA, 2003, p. 105)

Entende-se, portanto, que a pesquisa difundida nas ciências humanas - mais propriamente a pesquisa social - concede ao marketing suas metodologias, e o marketing, por sua vez, faz as adaptações que considerar necessárias (LOSCHI, 2018).

Não poderíamos finalizar este capítulo sem antes mencionar os constantes interesses do mercado pela pesquisa etnográfica. Ao mesmo tempo que este tipo de aplicação pode causar um estranhamento aos olhos dos Cientistas Sociais, ela vem sendo muito utilizada e debatida no universo corporativo e também na academia. Não é o nosso interesse aqui refletir sobre os caminhos metodológicos e a aplicabilidade ou não da pesquisa etnográfica no mercado, mas apenas enriquecer o debate sobre o seu lugar fora do contexto acadêmico e demonstrar mais algumas evidências dessas intersecções entre as disciplinas.

Ao traçar um paralelo sobre o resultado e as intenções da etnografia feita pelo Marketing em relação a etnografia feita pela Antropologia, Loschi (2018) deixa muito claro que os interesses de cada um são quase que antagônicos. Nas palavras da autora:

O marketing se interessa por um olhar colonizador, que se apropria da informação sobre o outro para criar e mudar produtos que se encaixem no modo de vida dessas pessoas. Ao passo que para a antropologia, a etnografia permite entender a sociedade a partir do ponto de vista que ela própria se atribui, e não do ponto de vista de significados elaborados pelo outro, implicando que o antropólogo compreenda a forma de pensar daquele grupo, sem deduzir ou impor a sua forma de pensar, razão pela qual o tempo com o grupo estudado se torna algo tão importante.

No entanto, para o marketing não interessa o conhecimento e, sim, a opinião sobre um produto, o que o exime da

obrigatoriedade de densidade, tempo, troca, forma de observar, uma vez que a técnica atende as suas necessidades de resposta, desde que ele não se utilize da antropologia. (LOSCHI, 2018, p.94)

Claro está, que os anseios das duas disciplinas são completamente diferentes, no entanto, o modo de análise e as ferramentas utilizadas para entender com profundidade os fenômenos abordados exigem método.

Nos próximos capítulos entraremos na segunda etapa desta pesquisa, como explicitado na introdução, sobre as descobertas do trabalho de campo.

TERCEIRO CAPÍTULO

Interlocução com os Cientistas Sociais atuantes no mercado e os docentes dos cursos de Ciências Sociais.

Neste capítulo buscamos apresentar os caminhos que percorremos durante a pesquisa de campo e de que maneira a escuta e a experiência empírica nos auxiliaram na análise não só sob a perspectiva que nos propomos a investigar, mas também a refletirmos sobre o significado de um curso de graduação em Ciências Sociais nas vidas de quem por ele passa.

3.1 Os caminhos percorridos na pesquisa de campo

Desde o início da elaboração deste projeto, a vontade de interlocução com as pessoas que atuam no mercado se fez sempre presente. Além de termos a concepção de que o trabalho de campo é um elemento enriquecedor da análise por trazer a enunciação das experiências dos atores e a interlocução com o real, a oportunidade de escutar pessoas e entender suas trajetórias concede uma profundidade importante à pesquisa. Neste sentido, é necessário concordar com Ferreira (2014) ao expor que:

Entrevistar provoca um exercício de auto-análise que opera um trabalho de explicitação discursiva, por vezes gratificante, outras doloroso, na enunciação de experiências e reflexões, umas vezes reservadas ou reprimidas, emaladas no baú do tempo biográfico, outras vezes nunca pensadas [...] Trata-se de um exercício que, sendo provocado pelo entrevistador, requer deste responsabilidade, cuidado e realismo no seu acompanhamento, mais do que impassibilidade e impessoalidade. (FERREIRA, 2014, p.985)

A decisão de seguir em frente com as entrevistas em profundidade se deu pela necessidade de trazer informações para além das que estão disponíveis nos portais das IES selecionadas. Reconhecemos a enorme

importância em analisar como os cursos expõem o que pretendem passar para os alunos, bem como suas grades curriculares e como constroem seus planos de ensino, no entanto, entrevistar os atores consiste em investigar de maneira aprofundada suas trajetórias, identificar suas especificidades, subjetividades e obter dados sobre os mais diversos aspectos de suas vidas. (GIL, 2010)

No total foram onze pessoas entrevistadas, entre elas, oito pesquisadores graduados ou graduandos dos cursos de Ciências Sociais, dois professores coordenadores e uma professora do curso de Ciências Sociais das IES selecionadas. O projeto inicial era compreender apenas as perspectivas das pessoas que trabalham com pesquisa de mercado, sejam elas graduandas ou graduadas em Ciências Sociais, entretanto, conforme a pesquisa foi ganhando maturidade, percebemos a necessidade de também compreender o olhar de docentes, isto é, pessoas que de alguma forma participaram da construção e condução das disciplinas dispostas nas grades curriculares, ou tem responsabilidades na formação dos Cientistas Sociais.

Especificamente, os entrevistados foram dois pesquisadores graduados na PUC-SP, dois pesquisadores graduados na USP, dois pesquisadores graduandos da ESPM, e dois pesquisadores graduados na FESPSP. Entre o corpo docente, foram entrevistados o coordenador do curso de Ciências Sociais da PUC-SP, o coordenador do curso de Ciências Sociais e do Consumo da ESPM, e uma professora, socióloga e membro do conselho da FESPSP. Infelizmente, no contato com o coordenador do curso de Ciências Sociais da USP, não nos foi demonstrado o interesse em participar da pesquisa. No entanto, na tentativa de preencher esta lacuna, trabalharemos com dados que dizem respeito ao posicionamento do curso de Ciências Sociais da USP dispostos por veículos terceiros: entrevistas, revistas e material audiovisual.

No decorrer do capítulo, apresentaremos brevemente os entrevistados, um a um, com o objetivo de evidenciar suas trajetórias como graduados, graduandos e também como profissionais. Em relação aos docentes, iremos enfatizar seus pontos de vista sobre os cursos nos quais fazem parte, assim como o que pensam do ensino das Ciências Sociais e quais os aspectos que merecem um olhar mais atento diante das transformações mencionadas nesta pesquisa.

3.2 Procedimentos da pesquisa de campo

Das onze entrevistas realizadas, nove foram por videoconferência, através do Google Meet²⁵, e duas presenciais. As entrevistas aconteceram entre Dezembro de 2022 e Junho de 2023. É importante salientar que a utilização de ferramentas online de videoconferência nos permitiu quebrar algumas fronteiras. Um exemplo disso é que um dos pesquisadores entrevistados reside e trabalha em Londres, no Reino Unido, portanto, não seria possível a interlocução sem a ferramenta que se integrou com êxito aos métodos científicos de coleta de dados, como nos lembra Paiva et al. (2011):

Assim, a entrevista online soma-se às possibilidades dos métodos científicos para recolha de informações, propiciando a diversidade de meios para realização dessa recolha, embora sendo condição essencial para o uso desse instrumento a familiaridade do pesquisador e entrevistados com o recurso tecnológico que servirá de meio para a realização da entrevista, além da identificação da necessidade de utilização do instrumento para alcance dos objetivos previstos para a pesquisa, principalmente quando se torna o único meio para se chegar aos informantes que se encontram em localização distante à do pesquisador. (PAIVA et al. 2011, p.08)

As entrevistas foram conduzidas por meio de um roteiro semi-estruturado, gravadas e transcritas. Em relação à condução das conversas, foram construídos dois roteiros de entrevistas, um destinado aos graduados e graduandos, outro aos docentes.

O roteiro dos graduados e graduandos foi dividido em quatro eixos principais:

- a. Compreensão da trajetória dos entrevistados, influências e os caminhos percorridos para o ingresso no curso de Ciências Sociais.
- b. A abordagem do curso sobre o mercado de trabalho e os possíveis caminhos profissionais que o aluno pode seguir.

²⁵ Google Meet é um serviço de comunicação por vídeo desenvolvido pelo Google.

- c. Em que medida o curso contribuiu para a sua atuação profissional e perspectivas para o futuro do curso.
- d. Questões de legitimidade enquanto um profissional atuante no mercado.

Esta abordagem se deu pela preocupação em obter pistas para a compreensão sobre o que levou o aluno a trabalhar com pesquisa fora da universidade e como os aprendizados obtidos durante o curso auxiliam na sua ação e permanência no mercado de trabalho.

Já o roteiro utilizado para as entrevistas com os docentes foi dividido em três eixos principais:

- a. Objetivos e enfoques do curso: disciplinas que compõem o currículo e preparação dos alunos para a atuação no mercado de trabalho.
- b. Oportunidades de pesquisa e prática profissional dos estudantes.
- c. Adaptação do curso às mudanças no mercado de trabalho e perspectivas para o futuro.

A necessidade de abordar a visão dos docentes sobre as disciplinas e a preparação dos alunos para o mercado de trabalho surgiu da vontade de obter um paralelo entre como as universidades anunciam e promovem o curso em seus portais e a visão de quem, de fato, executa e vivencia o dia-a-dia do ensino.

3.3 Processo de recrutamento dos entrevistados

O contato com os graduados e graduandos teve, basicamente, três rotas distintas: acesso aos antigos colegas de graduação²⁶; buscas por profissionais no LinkedIn; buscas em grupos e comunidades de Cientistas Sociais no WhatsApp.

O contato com graduados da PUC-SP foi relativamente confortável²⁷. O restante dos entrevistados foi por meio de disparos de mensagem via LinkedIn

²⁶ Consideramos o fato de que o autor desta dissertação foi estudante do curso de Ciências Sociais da PUCSP.

²⁷ O autor já havia feito o mapeamento de quem eram as pessoas também formadas em Ciências Sociais e que trabalhavam com pesquisa de mercado.

e grupos de WhatsApp. O contato com os docentes foi mais pelo modelo tradicional: entrar em contato com as faculdades, obter informações sobre quem faz parte da coordenação, e disparar emails. No geral, o caminho do recrutamento, neste caso, não pode ser encarado como tortuoso, mas sem o planejamento não teria ocorrido.

A preparação da entrevista é uma das etapas mais importantes da pesquisa que requer tempo e exige alguns cuidados, entre eles destacam-se: o planejamento da entrevista, que deve ter em vista o objetivo a ser alcançado; a escolha do entrevistado, que deve ser alguém que tenha familiaridade com o tema pesquisado; a oportunidade da entrevista, ou seja, a disponibilidade do entrevistado em fornecer a entrevista que deverá ser marcada com antecedência para que o pesquisador se assegure de que será recebido; as condições favoráveis que possam garantir ao entrevistado o segredo de suas confidências e de sua identidade e, por fim, a preparação específica que consiste em organizar o roteiro ou formulário com as questões importantes (LAKATOS, 2003, p. 52).

3.4 Das Ciências sociais à atuação como pesquisadores na iniciativa privada

Nesta seção iremos nos referir aos graduados e graduandos que conversamos como "Pesquisador(a) (inicial do nome)" para garantir o sigilo dos dados. A apresentação está organizada de acordo com a universidade na qual fazem ou fizeram parte.

3.4.1 Pesquisadores da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Pesquisadora C.²⁸ - Atuou e atua em institutos de pesquisa como IdeaFix Pesquisas²⁹ e em consultoria de negócios e produtos digitais como Try Consultoria³⁰

²⁸ Entrevista realizada dia 07/03/2023

²⁹ Empresa com mais de 20 anos de história em pesquisa e gestão em Marketing, Recursos Humanos e Comunicação.

³⁰ Consultoria especializada em Produtos Digitais, Experiência do Usuário, Negócios, Design e Branding.

Analista de pesquisa, formada em Ciências Sociais em meados de 2014. Conta que sua pretensão nunca foi cursar Ciências Sociais, pelo contrário, como sempre teve um interesse na escrita, queria estudar jornalismo. No entanto, uma amiga do cursinho comentava aleatoriamente sobre as Ciências Sociais e, em meio às inscrições para o vestibular em jornalismo, optou por se inscrever em Ciências Sociais na PUCSP, sem muito saber sobre a proposta do curso, mas influenciada por sua amiga.

Dos vestibulares prestados, foi aprovada apenas em Ciências Sociais e decidiu fazer um ano do curso com o objetivo de posteriormente mudar para jornalismo, já que estava cansada de fazer cursinho preparatório e acreditava que este seria um caminho mais interessante para seu momento. Em meio a todos esses acontecimentos, a obrigatoriedade de um diploma de jornalismo para exercer a profissão foi extinta³¹ e C. passou a perceber que talvez fosse mais interessante cursar Ciências Sociais, já que poderia também atuar escrevendo em jornais.

A partir daí, eu entendi que eu poderia fazer Ciências Sociais, que era um curso que estava me deixando bem feliz e que ia me trazer uma perspectiva maior sobre outras coisas, e ser jornalista. Não foi uma escolha, mas foi o que aconteceu. Até porque existia uma questão do valor, a PUC já era bem cara naquela época e não era meu desejo pagar uma faculdade de Ciências Sociais, já que não era a minha primeira opção de graduação. (trecho da entrevista com a Pesquisadora C.)

C. expõe que decidiu continuar nas Ciências Sociais, passou a se interessar por assuntos debatidos no curso e começou a fazer pesquisa acadêmica, inserida em um contexto de Iniciação Científica. Ao final do curso recebeu uma proposta para fazer um trabalho em um instituto de pesquisa, que veio por meio de um convite de uma amiga, e por estar precisando de dinheiro, aceitou sem muito saber sobre este universo:

³¹ Em 2009 o Supremo Tribunal Federal decidiu, por 8 votos a 1, que não fosse mais obrigatório o diploma de jornalista para exercer a profissão.

Entrei com um projeto da Petrobrás, um projeto bem grande que durou anos, viajei o país inteiro, aprendi muitas coisas sobre a vida, sobre as Ciências Sociais e sobre pesquisa, e a partir daí eu entrei nesse mercado e comecei a entender o quanto as corporações estavam afim disso [...] Nesta época (meados de 2015) o debate sobre a questão da diversidade nas empresas estava começando a entrar em vigor. (trecho da entrevista com a Pesquisadora C.)

A partir deste projeto, que especificamente tinha um cunho mais voltado para o social, começou a atuar em outros voltados à diversidade e também ao mercado de bens e consumo.

Pesquisador A.³² - Atuou em institutos de pesquisa no Brasil como Kantar³³ e atua em Londres, no Reino Unido, na empresa Strive Insights³⁴

Gerente de pesquisa em uma empresa do Reino Unido. Vive e trabalha em Londres. Concluiu sua graduação em Ciências Sociais em meados de 2017. Durante os últimos anos de colégio foi influenciado por um professor de filosofia que abordava alguns temas de seu interesse, como desigualdade, vida nas cidades, entre outros. Este professor o sugeriu que prestasse Ciências Sociais. Sem saber quase nada sobre o curso, mas com a cobrança de seus pais que o obrigavam a fazer um curso superior, A. decidiu prestar Ciências Sociais.

Escolheu prestar vestibular na PUCSP e na USP, por influência do meio em que vivia, que basicamente falava-se apenas dessas duas universidades. Acabou passando no vestibular da PUC e foi então que começou a compreender sobre o que se tratava o curso.

Durante a graduação, foi aluno de Iniciação Científica e foi lá que teve o primeiro contato com pesquisa, mesmo que acadêmica. Após a graduação não sabia o que poderia fazer, em meio a tentativas frustradas como jogador de Poker, conseguiu um emprego em um pequeno instituto de pesquisas por

³² Entrevista realizada dia 17/03/2023

³³ Empresa com sede no Reino Unido e filial no Brasil especializada em Pesquisa de Mercado, Consumer Insights e Negócios.

³⁴ Agência de pesquisa com sede no Reino Unido especializada em pesquisas de consumo.

intermedio de sua tia, que já atuava na área. A partir disso começou a trilhar sua carreira como pesquisador no mercado de trabalho e acabou sendo convidado para trabalhar no Reino Unido através de um gerente que trabalhou ao longo de sua carreira.

A minha tia trabalhou com pesquisa de mercado e com marketing por muitos anos, ela é uma pessoa muito importante no mercado. Então o dia que eu decidi que precisava largar o Poker, eu tive esse super trunfo (minha tia). Mas eu já tinha passado da idade do estágio, então precisava de um lugar que ia me aceitar. Minha tia me indicou a um lugar pequeno de pesquisa, mas que tinha clientes grandes como Natura e Itaú, e eles aceitaram conversar comigo por respeito a minha tia. Eu entrei como analista júnior mas era um estagiário praticamente, se precisasse ir comprar fita crepe na papelaria, eu ia. Foi aí que eu comecei a acompanhar as pesquisas, os grupos focais e fui aprendendo a trabalhar. (trecho da entrevista com Pesquisador A.)

3.4.2 Pesquisadores da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo

Pesquisadora G.³⁵ - Estagiária em uma equipe de pesquisa no Banco Itaú desde 2021.

Estagiária em pesquisa no Banco Itaú, teve uma trajetória interessante enquanto aluna de Ciências Sociais, pois passou por algumas universidades diferentes. Iniciou o curso de Ciências Sociais na PUC-SP, completou algumas disciplinas, mas logo pediu transferência para a FESPSP, onde cursou grande parte da graduação. No último semestre do curso precisou trancar sua matrícula por problemas pessoais, mas pretende concluir ainda no ano de 2023.

Sempre gostou de leitura e foi influenciada por uma professora de Português a exercitar a escrita e a leitura. Ao sair do colégio, começou a trabalhar em uma livraria, onde teve contato com livros mais teóricos sobre

³⁵ Entrevista realizada dia 26/05/2023

urbanismo, sociologia, política e filosofia. G. declarou que ficava frustrada por não conseguir compreender nada sobre os livros teóricos, segundo ela, se sentia uma "analfabeta funcional", pois lia e não absorvia o conteúdo.

Junto a frustração por não entender os conteúdos dos livros que se propunha a ler, sofria pressão da família para entrar em um curso superior. Foi então que decidiu prestar vestibular para Ciências Sociais, sem saber muito bem sobre o que se tratava, mas sabia que poderia ajudá-la a entender sobre sociologia, política e filosofia.

Escolheu as universidades Unesp, USP e PUCSP para prestar vestibular. Passou na Unesp (situada na cidade de Marília, estado de São Paulo) e na PUC, mas decidiu cursar a PUC pois preferiu continuar residindo na cidade de São Paulo.

Só passei nessas duas e eu precisava escolher, né? Se eu realmente ficava junto com a minha família, ou se mudava se cidade. Mas mudar de cidade é uma coisa muito trabalhosa, eu tinha apenas 21 anos, fiquei receosa por ser muito jovem, e eu não quis sair de perto de todo mundo que eu conhecia, né?

(Trecho da entrevista com a Pesquisadora G.)

Após completar algumas disciplinas na PUC, resolveu transferir o curso para a FESPSP pois não conseguia pagar a mensalidade da PUC devido ao seu preço elevado. Em meio a pandemia, começou a buscar por estágio e conseguiu uma vaga como assistente de um analista de pesquisa no Banco Itaú, foi então que começou a entrar em contato com o universo da pesquisa na iniciativa privada.

Pesquisadora M.³⁶ - trabalhou como pesquisadora no São Paulo Parcerias³⁷ e se encontra desempregada até o momento da entrevista.

³⁶ Entrevista realizada dia 31/05/2023

³⁷ A **SP Parcerias S/A** é uma sociedade de economia mista vinculada à Secretaria de Governo Municipal ("SGM") e constituída com o objetivo primordial de estruturar e desenvolver projetos de concessão, privatização e parcerias público-privadas para viabilizar a consecução do Plano Municipal de Desestatização ("PMD") e do Programa Municipal de Parcerias Público-Privadas.

Formada em meados de 2022, M. entrou em Ciências sociais por influência de uma professora de sociologia do ensino médio. Antes de iniciar a graduação, cursou um ano de Direito, mas não se identificou com o curso. Em meio à frustração em desistir de um curso superior, decidiu então prestar vestibular para História, mas sem sucesso. Foi então que, navegando pelo Instagram, M. se deparou com uma postagem da FESPSP sobre o curso, se lembrou que teve uma professora de Sociologia no ensino médio e que se dava muito bem com a disciplina, viu que havia a possibilidade de agendar a prova do vestibular e decidiu tentar. Como se sentia um pouco "atrasada" por ter desistido do Direito, não buscou pelo curso de Ciências Sociais em outras universidades.

Após passar por dois estágios na área da cultura e educação, foi convidada por uma veterana do curso, que era então coordenadora de pesquisa na São Paulo Parcerias, para estagiar na empresa. Tratava-se de um trabalho que envolvia muita pesquisa de campo e o principal objetivo era entender as possibilidades de privatização, a satisfação dos usuários dos parques públicos e seus hábitos de uso, relação dos parques com os estabelecimentos privados da região.

Foi trabalhando na São Paulo parcerias que M. teve contato com análise de dados, construção e aplicação de questionários e utilização de ferramentas para análise de dados quantitativos.

3.4.3 Pesquisadores da Universidade de São Paulo - USP

Pesquisador A.O.³⁸ - Atuou e atua em empresas de consultoria em negócios, pesquisa, tecnologia e inovação como MJV Technology & Innovation³⁹ e PopCode⁴⁰

³⁸ Entrevista realizada em 26/04/2023

³⁹ Multinacional brasileira com foco em transformação digital, inovação e experiência do consumidor.

⁴⁰ StartUp brasileira de desenvolvimento de produtos digitais, inovação, planejamento, suporte e monitoramento.

A.O. se formou em meados de 2012. Após o colégio não sabia muito bem o que queria fazer de faculdade, apenas sabia que queria ser o primeiro de sua família a estudar em uma universidade pública. Durante o cursinho, começou a se interessar por arquitetura e teve diversas tentativas frustradas no vestibular. Além do fato de que para entrar em arquitetura é necessário passar por uma prova de conhecimentos práticos, como o desenho, o curso era extremamente concorrido.

Como morava perto da USP, no bairro do Butantã, começou a frequentar a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e experienciou eventos como semana de Ciências Sociais, semana Florestan Fernandes, entre outros eventos. Desistiu da arquitetura e resolveu prestar Ciências Sociais.

Devido à sua aproximação com a faculdade antes mesmo de passar no vestibular, A.O. já tinha uma noção sobre como o curso era organizado:

Eu cheguei com uma boa noção do que eu teria, mas só uma noção mesmo, sabe? Eu sabia que tinha essas três grandes áreas (sociologia, antropologia e ciência política) e que eu ia, em tese, enveredar o meu conhecimento para alguma dessas áreas. (trecho da entrevista com o Pesquisador A.O.)

Após se formar, seu interesse era trabalhar com habitação social. No entanto, como não tinha experiência, não conseguiu um emprego na área e decidiu aceitar um trabalho temporário com pesquisa de mercado. Foi então que viu a oportunidade de atuar no setor.

Pesquisador E.⁴¹ - Atua como pesquisador no Zé Delivery⁴² e é doutorando em Antropologia pela Universidade de São Paulo.

E. se formou em Ciências Sociais em meados de 2014 e desde então divide sua carreira entre a academia e o mercado. Durante o colégio, teve uma professora de Filosofia e Sociologia que o influenciou a prestar Ciências Sociais no vestibular.

⁴¹ Entrevista realizada em 22/12/2023

⁴² StarUp de entregas expressas de bebidas desenvolvidas pela empresa AMBEV.

Eu era um adolescente anarco-socialista, lia George Orwell, Manifesto do Partido Comunista, e aí eu achei que ia me encontrar no curso. Prestei e passei de primeira. Então eu entrei em sociais por conta disso, por conta da afinidade com os temas e as abordagens que eu imaginava que o curso daria, mas nunca pensei em empregabilidade, mesmo porque tinha uma ideia de que bastava estar na USP. (trecho da entrevista com o Pesquisador E.)

Segundo E., bastava entrar em uma universidade pública que sua família ficaria satisfeita. Já durante o mestrado, conheceu uma pessoa que o convidou a participar de uma pesquisa em uma empresa de produtos para higiene pessoal. Foi então que começou a se desenvolver como pesquisador no mercado privado.

3.4.4 Pesquisadores da Escola Superior de Propaganda e Marketing - ESPM

Pesquisador T.⁴³ - Atuou como pesquisador no Arenas ESPM, agência experimental que atende clientes reais.

No momento da entrevista cursando o terceiro semestre da graduação em Ciências Sociais e do Consumo, T. relatou que este foi o primeiro e único curso que prestou vestibular. Em meio a conversas com os amigos sobre as faculdades que gostaria de estudar, entrou no site da ESPM, soube do curso e se interessou. Após esse episódio, entrou em alguns sites de universidades públicas, como a USP, e percebeu que o curso de Ciências Sociais era muito voltado a teoria e carreira acadêmica, sem nenhuma inclinação ao mercado:

Eu procurei a matriz curricular de Ciências Sociais em algumas universidades públicas, da UNICAMP e da USP, e percebi que era puramente teórico, então aquilo já não me interessou, porque eu queria a parte de mercado. (Trecho da entrevista com o Pesquisador T.)

⁴³ Entrevista realizada em 18/04/2023

Após passar no vestibular, T. visitou a faculdade e se animou com o ambiente tecnológico e moderno que encontrou. Trocou o e-mail com uma professora do curso e decidiu estudar na ESPM. No segundo semestre se inscreveu para trabalhar como pesquisador na agência experimental Arenas⁴⁴.

Pesquisadora M.R - Atua na área de comunicação e conteúdo na FutureBrand

M.R⁴⁵ é formada em Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina e está, até a data da entrevista, no quinto semestre do curso de Ciências Sociais e do Consumo.

Após atuar como advogada por pouco mais de um ano, M.R. declarou ter vivenciado uma crise vocacional e decidiu largar o direito. Durante os últimos anos de colégio relata ter um grande interesse por Sociologia, muito influenciada por uma professora a quem ela tinha uma grande admiração. Entretanto, ao anunciar a vontade de estudar sociologia para a família, foi impedida e optou pelo direito.

Em meio a crise vocacional, M.R. passou a pesquisar sobre cursos de Publicidade e, navegando pelo site da ESPM, se deparou com a proposta do curso de Ciências Sociais e do consumo. Já mais madura e advogada, decidiu seguir sua vontade do ensino médio e prestou o vestibular.

Eu entrei no site da ESPM, estava olhando a grade de Publicidade, mas eu vi que tinha curso lá que era Ciências Sociais e do Consumo que me chamou atenção. Eu vi a grade me apaixonei pelo curso, porque no fim das contas era tudo que eu sempre gostei de estudar, que eu já lia por conta própria, e era um curso com a saída para o mercado, sabe? Então era Ciências Sociais que eu sempre gostei de estudar com uma saída para o mercado voltado para consumo, que eu também gosto muito. (Trecho da entrevista com M.R.)

⁴⁴ <https://arenas.espm.br/>

⁴⁵ Entrevista realizada em 27/04/2023

Começou a estagiar em uma empresa de comunicação e foi promovida justamente por ter um olhar apurado para pesquisa e ter conhecimento técnico para tal.

Após a apresentação dos Pesquisadores entrevistados é possível notar um elemento comum com a maioria dos interlocutores: a casualidade. Com excessão dos Pesquisadores da ESPM, que apresentaram maior convicção sobre os caminhos profissionais que gostariam de trilhar, já que o que chamou a atenção na grade curricular foi a interlocução com o mercado e a aplicabilidade da pesquisa, os demais entrevistados da PUCSP, USP e FESPSP entraram no mundo da pesquisa no mercado privado não por primeira opção, mas por outros fatores do acaso que os direcionaram a essa função. Seja por necessidade de estarem empregados, a convite de um recém conhecido, ou por não terem conseguido uma coisa melhor, o fato é que a pesquisa no mercado privado não apareceu como vontade e nem como possibilidade, pelo menos em um primeiro momento. Ou seja, isso demonstra que o direcionamento que as IES selecionadas dão aos estudantes desde o início do curso resultam nesses desdobramentos.

Outro elemento que nos chama a atenção, é que, como vimos em alguns casos das pessoas entrevistadas, não escolher o curso de Ciências Sociais como primeira opção é uma prática comum desde os anos 80, como mostrou a pesquisa de Villas Bôas (2003), citada no primeiro capítulo.

Diante destas reflexões, é pertinente retornarmos as questões que fazem parte do problema de pesquisa: em que medida o curso de Ciências Sociais contribuiu para a entrada no mercado privado de pesquisas? Mais do que isso, o que no currículo da IES selecionadas contribui para atuarem como pesquisadores? Tais perguntas tentarão ser respondidas no próximo capítulo.

3.5 Entrevistas com os docentes

Professor T.⁴⁶

⁴⁶ Entrevista realizada em 31/05/2023

Graduado em Ciências Sociais na PUC-SP, mestre em Comunicação e Práticas do Consumo pela ESPM, e doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP.

Atua como professor no curso de Ciências Sociais e do Consumo desde a sua inauguração, em meados de 2013. Em 2020 assumiu a coordenação do curso e atua como coordenador até a data da entrevista.

Professor J.⁴⁷

Possui graduação, mestrado e doutorado em Ciências Sociais pela PUC-SP. Atua como professor do curso de Ciências sociais e atua na gestão do curso há seis anos. Participou da reformulação da grade curricular em 2019.

Professora R.⁴⁸

Possui graduação e mestrado em Ciências Sociais pela PUC-SP e doutorado em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Começou a dar aula no curso de Ciências Sociais na FESPSP em 1992. Trabalhou como pesquisadora do CEBRAP nos anos noventa.

No próximo capítulo iremos tratar dos demais conteúdos abordados durante as entrevistas.

⁴⁷ Entrevista realizada em 02/06/2023

⁴⁸ Entrevista realizada em 21/06/2023

QUARTO CAPÍTULO

Interlocução com os atores

Conforme anunciado no início deste trabalho, o quarto capítulo dedica-se à articulação entre os objetivos da pesquisa e os dados coletados durante o trabalho de campo. O capítulo articula profissionalização, capacitação técnica e teórica, interdisciplinaridade e legitimidade.

4. Profissionalização em curso e seus desdobramentos

A partir das especificidades observadas nos currículos dos cursos de Ciências Sociais exibidos no primeiro capítulo e antes de trazermos evidências do trabalho empírico, é pertinente compreendermos com mais profundidade o labor dito como "tradicional" do sociólogo. Como explicitado, nos interessa analisar, também, as nuances da profissionalização das Ciências Sociais, seus desdobramentos e, portanto, tendo como ponto de partida a sua institucionalização, o que não significa que será contada detalhadamente sua história, já que nossa intenção é compreender em que medida o curso de Ciências Sociais contribuiu para a entrada e permanência dos atores no mercado privado de pesquisas. Entretanto, faz-se necessário retomar a discussão sobre a institucionalização das Ciências Sociais, iniciada no primeiro capítulo, para auxiliar o leitor na compreensão da análise. Afinal, foi apontado no primeiro capítulo que a própria denominação "Cientista Social" pressupõe a inserção em uma formação institucionalizada.

Vimos no terceiro capítulo que a inserção da maioria dos entrevistados nos cursos de Ciências Sociais veio ao acaso, sem muito saber sobre o tema em questão, muito menos sobre as possibilidades de atuação, com exceção dos pesquisadores da ESPM. Um ingressante ao curso de engenharia, irá se tornar um engenheiro, o de Odontologia, irá se tornar um dentista, e o de Ciências Sociais irá se tornar um Cientista Social. Mas do que se trata essa profissão?

O trabalho de doutorado de Tauvana da Silva Yung (2020), denominado "Profissão Sociólogo: formação, identidade e inserção no mercado de trabalho" traz uma questão extremamente necessária para a nossa análise: a regulação profissional da pessoa formada em Ciências Sociais.

Como aponta Yung (2020), apenas a Sociologia, entre as três áreas que compõem as Ciências Sociais - Sociologia, Antropologia e Ciências Políticas-, possui uma regulação profissional. Esta regulação consta na Lei nº 6.888⁴⁹, de 1980, e diz:

Art. 1º O exercício, no País, da profissão de Sociólogo, observadas as condições de habilitação e as demais exigências legais, é assegurado:

a) aos bacharéis em Sociologia, Sociologia e Política ou Ciências Sociais, diplomados por estabelecimentos de ensino superior, oficiais ou reconhecidos;

b) aos diplomados em curso similar no exterior, após a revalidação do diploma, de acordo com a legislação em vigor;

c) aos licenciados em Sociologia, Sociologia Política ou Ciências Sociais, com licenciatura plena, realizada até a data da publicação desta Lei, em estabelecimentos de ensino superior, oficiais ou reconhecidos;

d) aos mestres ou doutores em Sociologia, Sociologia Política ou Ciências Sociais, diplomados até a data da publicação desta Lei, por estabelecimentos de pós-graduação, oficiais ou reconhecidos.

e) aos que, embora não diplomados nos termos das alíneas *a*, *b*, *c* e *d*, venham exercendo efetivamente, há mais de 5 (cinco) anos, atividade de Sociólogo, até a data da publicação desta Lei. (BRASIL, 1980)

Ou seja, diante do que diz a lei brasileira, pessoas com ensino superior em Sociologia, Sociologia e Política ou Ciências Sociais, são Sociólogos (YUNG, 2020). Tal constatação articula-se com a questão da legitimidade dos profissionais de pesquisa com formação em Ciências Sociais, a qual será debatida mais adiante.

49

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1980-1988/l6888.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%206.888%2C%20DE%2010%20DE%20DEZEMBRO%20DE%201980.&text=Disp%C3%B5e%20sobre%20o%20exerc%C3%ADcio%20da,Art.

Já em 1984, por meio do Decreto nº 89.531, foram atribuídos itens complementares quanto a regulação da profissão:

Art. 2º É da competência do Sociólogo:

I - elaborar, supervisionar, orientar, coordenar, planejar, programar, implantar, controlar, dirigir, executar, analisar ou avaliar estudos, trabalhos, pesquisas, planos, programas e projetos atinentes à realidade social;

II - ensinar Sociologia Geral ou Especial, nos estabelecimentos de ensino, desde que cumpridas as exigências legais;

III - assessorar e prestar consultoria a empresas, órgãos da administração pública direta ou indireta, entidades e associações, relativamente à realidade social;

IV - participar da elaboração, supervisão, orientação, coordenação, planejamento, programação, implantação, direção, controle, execução, análise ou avaliação de qualquer estudo, trabalho, pesquisa, plano, programa ou projeto global, regional ou setorial, atinente à realidade social.

Apesar de o intuito desta atribuição ter sido complementar às atividades do sociólogo, as funções citadas permanecem bastante genéricas (YUNG, 2020). Junto à falta de uma especificidade clara sobre a competência do sociólogo, tendo como um dos únicos guias a "realidade social" - o que pode ser muito amplo - segundo a lei, observamos no trabalho de campo, que as possibilidades profissionais são quase que plenamente não reconhecidas, não só pelos ingressantes nos cursos analisados, mas também por seus familiares.

Durante as entrevistas, abordamos como se deu a entrada desses atores nas universidades e como escolheram os cursos, junto a isso, questionamos sobre as possibilidades de atuação, e a maioria dos entrevistados simplesmente não tinha perspectiva. Um fato curioso é que, em um primeiro momento, a própria experiência de entrar na universidade bastava, como expôs o Pesquisador E., formado na USP:

Nunca pensei em empregabilidade, mesmo porque tinha uma ideia de que bastava estar na USP. Eu morava com minha mãe, não precisava pagar aluguel e recebia uma mesada da minha tia que me permitia que eu pagasse Xerox e transporte. (trecho da entrevista com o Pesquisador E. da USP)

Ou tinham uma visão muito limitada sobre a atuação, como citou uma pesquisadora formada na FESPSP:

Então, eu jurava que eu ia ser professora, né? E aí no decorrer do curso eu fui descobrindo a área da pesquisa, tais e as outras áreas como atuação em cultura, educação." (trecho da entrevista com a Pesquisadora M. da FESPSP)

Apesar de a inserção dos alunos nos institutos de pesquisa ter sido citada durante a entrevista com um pesquisador da USP, nota-se um caráter voltado à docência e a pesquisa acadêmica:

Eu fiz a graduação entre 2008 e 2012, e era uma época na qual as Ciências sociais estava na moda, porque ela se tornou obrigatória no ensino médio, então teve muita gente que se deu bem, tinha muita bolsa de mestrado e doutorado, tinha uma galera entrando nos institutos de pesquisa, tinha um pessoal também indo dar aula em escola. (trecho da entrevista com o Pesquisador A.O da USP)

Yung (2020) expõe as dificuldades encontradas pelos cientistas sociais no mercado de trabalho e aponta que "atualmente a sua reserva de atuação está diretamente relacionada com o desenvolvimento acadêmico e científico do campo, bem como à docência da disciplina nos ensinos médio e superior." (Yung, 2020, p. 78)

Sabemos, portanto, que esta discussão não é recente no campo, pois Micelli (1989) já constatou este fato quando se propôs a escrever sobre a História das Ciências Sociais no Brasil, destacando esse caráter, principalmente em São Paulo:

Nestas condições, entende-se por que a continuidade institucional dos centros universitários paulistas logo enveredou para um processo acelerado de profissionalização, distanciando-se bastante dos núcleos de decisão política no estado e, por conseguinte, dando margem à constituição de uma cultura acadêmica como substituto envolvente de uma ideologia meramente corporativa ou profissional. A rigor só existiu uma vida acadêmica na acepção das experiências européias e norte-americanas na Universidade de São Paulo, entendendo-se por isso uma atividade profissional permanente de docentes e

pesquisadores em condições de fazer da universidade um centro de sua vida pessoal (afetiva e profissional), o lugar de suas realizações, o espaço prioritário de sociabilidade, o horizonte último de suas expectativas de melhoria social, a instância decisiva de reconhecimento do mérito científico e intelectual." (Micelli, 1989, p. 86)

Em meio às constatações de que os espaços de atuação do Cientista Social estavam, sobretudo, no campo da docência, autores como Bonelli (1993) e Sérgio Micelli (1989) justificam esta abertura com a entrada da Sociologia no currículo do ensino médio nas décadas de 1920 e 1930 (YUNG, 2020). Entretanto, Bonelli (1993) enxerga este fato como uma questão limitadora das possibilidades de atuação pois, segundo a autora, gera a impressão de que a profissão está voltada para a reprodução do seu próprio corpo docente. Neste sentido, Micelli (1989) aponta que tal espaço contribuiu para a consolidação dos cursos de Ciências Sociais.

Em entrevista com uma pesquisadora da PUCSP, ficou claro que, de fato, durante o curso de graduação, a tendência para a carreira acadêmica é evidente:

Eu sempre fui, desde o início da faculdade, inserida no meio acadêmico. E em um dado momento eu decidi parar com o jornalismo e me dedicar inteiramente a academia. Então, na minha cabeça era muito isso, eu tinha certeza que eu ia seguir carreira acadêmica. Eu tenho poucas memórias sobre o que era dito sobre o que se poderia fazer. Mas o fato de ser uma faculdade muito voltada para o âmbito acadêmico e de ter esse recorte social que não se preocupa com a inserção do estudante no mercado de trabalho desde o início da faculdade, porque não pressupõe que ele precisa trabalhar durante a faculdade acaba deixando isso de fora. (trecho da entrevista com a Pesquisadora C. da PUCSP)

Entretanto, um aspecto nos chamou a atenção durante as entrevistas: a falta de preocupação ou abordagem com os rumos profissionais dos estudantes no dia a dia dos cursos, sobretudo nas falas dos pesquisadores da PUCSP e USP:

Eu acho que a PUC, ela tem uma coisa de recorte social mesmo, em que, enfim, nem existe essa necessidade de discutir estágio ou de se aprofundar na questão de mercado de trabalho, porque é uma faculdade basicamente feita por herdeiros, portanto pode ser que essas pessoas nem vão trabalhar um dia com isso, eu me lembro muito pouco desse tipo de discussão. (trecho da entrevista com a Pesquisadora C. da PUCSP)

Une-se, portanto, a não obrigatoriedade de estágio para bacharel em Ciências Sociais, como vimos na primeira seção desta dissertação, com um perfil de alunos, em sua maioria, despreocupados com a profissionalização, pelo menos no momento da graduação, devido ao seu perfil socioeconômico, como expressa o pesquisador da USP:

E o perfil de um aluno de Sociais é um perfil que sai de uma família confortável, pelo menos na minha geração, ou seja, não necessariamente um aluno de família rica, mas pode ser um aluno de classe média, e que escolhe o curso normalmente por afinidade com os temas e abordagens, e que encontra respaldo pautado por um referencial de esquerda. Então, se você juntar esse perfil que se retroalimenta pelos corredores, cruzar ele com uma ementa absolutamente voltada para pesquisa (acadêmica) e descolada de uma discussão a respeito do mercado de trabalho, você acaba criando um ambiente que é, digamos assim, alienado. No sentido de ser descolado da ideia que precisamos de realizações materiais para a existência, por mais irônico que isso possa soar." (trecho da entrevista com Pesquisador E. da USP)

Vemos, portanto, que este caráter "elitista" ou de uma "elite intelectual" ainda permanece pelos corredores de algumas universidades das quais os pesquisadores entrevistados pertenceram, a PUCSP e a USP. Neste sentido Durand (1984) pontua de maneira específica:

No caso das ciências sociais da USP, as disponibilidades financeiras de família, do lado discente, caíram como sopa no mel no que esperava a influência francesa sob a qual o ensino de sociologia se implantou, reforçando a desatenção para com as contas de fim de mês. Desse casamento resultou uma espécie de pacto de bom-tom que teve o efeito de fazer silenciar

duradouramente, em sala de aula, preocupações com salário e profissão. (DURAND, 1984, p. 76)

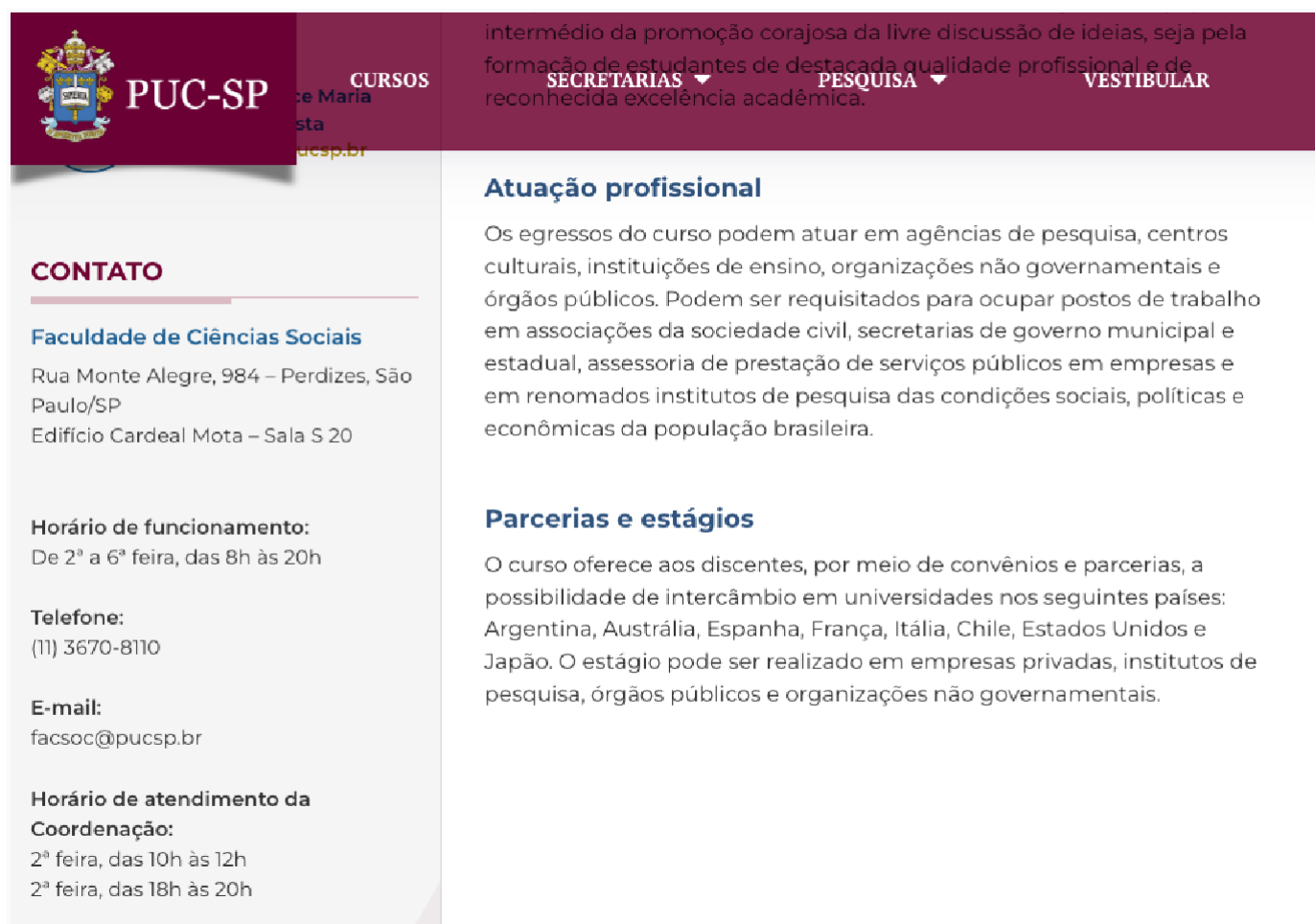
De fato, as duas IES possuem uma carga teórica bastante extensa em suas grades curriculares. No entanto, após a reforma curricular da PUCSP em 2019, nota-se uma tentativa de se descolar desse caráter extremamente teórico e voltado para a academia, como vimos até aqui. Passa a haver uma preocupação com os rumos profissionais dos alunos e a atualização nas abordagens disciplinares e metodológicas visando uma adequação às condições da contemporaneidade, como expressa o Professor J., coordenador do curso:

A mudança é fruto de uma discussão interna do grupo de professores, e essa discussão chega a conclusão de que era preciso redirecionar o curso, ou enfatizar aquilo que nós acreditamos que seja, digamos assim, o grande eixo das ciências sociais do ponto de vista de um curso universitário, que é capacitar o aluno para o campo da pesquisa. O campo da pesquisa pressupõe o domínio da informação, levando em consideração toda a crise que passa o emprego na sociedade capitalista [...] Então, o ponto chave, aquilo que o aluno pode levar para se inserir no mercado de trabalho, é a capacidade de coletar dados, sistematizá-los em uma teoria, em um esquema explicativo e oferecer o serviço para a sociedade. O curso foi redirecionado nesses sentido de privilegiar o pesquisador com uma atuação em três áreas: a pública, a privada, por que de fato nós temos hoje no setor privado a demanda deste profissional, desde a agência de publicidade que quer um antropólogo para fazer uma pesquisa de nichos de mercado sobre hábitos de consumo, da juventude, ou de um segmento da juventude, até uma empresa que contrata um sociólogo para participar do esquema de contratação, da organização do trabalho e assim por diante. Mas também, o autônomo, um cientista social que abre um escritório para a assessoria, para fazer avaliação de impacto ambiental e de tantas outras demandas da sociedade em relação ao Cientista Social. (Professor J, PUCSP)

Ou seja, a pesquisa passa a ser protagonista não só como referência em uma atuação dentro da universidade, mas também fora dela. A capacidade do aluno de coletar, sistematizar e analisar dados (não só para fins

acadêmicos) passa a ser o que há de mais valioso no ensino das Ciências Sociais. Entretanto, diante dessas constatações, questionamos: como é feita a articulação entre o que é falado na universidade e com o que acontece no mercado de trabalho? Por meio de quais disciplinas?

Antes de tentarmos responder a essas questões, julgamos pertinente expor como a própria universidade se comunica a respeito do curso de Ciências Sociais através de seu portal institucional:



The screenshot displays the PUC-SP website interface. The header features the PUC-SP logo and navigation links: CURSOS, SECRETARIAS, PESQUISA, and VESTIBULAR. The main content area is divided into two columns. The left column, titled 'CONTATO', provides contact details for the Faculdade de Ciências Sociais, including the address (Rua Monte Alegre, 984 – Perdizes, São Paulo/SP), building (Edifício Cardeal Mota – Sala S 20), operating hours (De 2ª a 6ª feira, das 8h às 20h), phone number ((11) 3670-8110), email (facsoc@pucsp.br), and a specific attendance schedule for the Coordenação (2ª feira, das 10h às 12h and 2ª feira, das 18h às 20h). The right column contains two sections: 'Atuação profissional', which describes the career paths for graduates in research, education, and public administration, and 'Parcerias e estágios', which lists international exchange opportunities and internship placements in private companies, research institutes, and non-governmental organizations.

CONTATO

Faculdade de Ciências Sociais
 Rua Monte Alegre, 984 – Perdizes, São Paulo/SP
 Edifício Cardeal Mota – Sala S 20

Horário de funcionamento:
 De 2ª a 6ª feira, das 8h às 20h

Telefone:
 (11) 3670-8110

E-mail:
 facsoc@pucsp.br

Horário de atendimento da Coordenação:
 2ª feira, das 10h às 12h
 2ª feira, das 18h às 20h

Atuação profissional

Os egressos do curso podem atuar em agências de pesquisa, centros culturais, instituições de ensino, organizações não governamentais e órgãos públicos. Podem ser requisitados para ocupar postos de trabalho em associações da sociedade civil, secretarias de governo municipal e estadual, assessoria de prestação de serviços públicos em empresas e em renomados institutos de pesquisa das condições sociais, políticas e econômicas da população brasileira.

Parcerias e estágios

O curso oferece aos discentes, por meio de convênios e parcerias, a possibilidade de intercâmbio em universidades nos seguintes países: Argentina, Austrália, Espanha, França, Itália, Chile, Estados Unidos e Japão. O estágio pode ser realizado em empresas privadas, institutos de pesquisa, órgãos públicos e organizações não governamentais.

O termo "agências de pesquisa" é citado em primeiro no texto sobre os ramos de atuação profissional corroborando com a fala do coordenador do curso. Junto a isso, apesar de não obrigatório, o site faz questão de informar sobre a possibilidade de estágio em "empresas privadas, institutos de pesquisa, órgãos públicos e organizações não governamentais".

Já em relação a Universidade de São Paulo, em vídeo sobre o curso de Ciências Sociais, publicado no canal do YouTube da Pró Reitoria de Graduação

da USP, em 14 de Março de 2022, o Professor Murillo Marschner, do Departamento de Sociologia, expõe que:

Nos dois primeiros anos a carga horária de disciplinas de vocês (aluno) concentra-se, principalmente, nas disciplinas obrigatórias dos campos (Antropologia, Sociologia e Ciência Política). No final do curso, a gente tem uma predominância das disciplinas optativas e aí você vão ter a oportunidade de direcionar para o que vocês considerarem mais interessante para a formação profissional de vocês. Vocês (alunos) vão ter a oportunidade de se engajar em grupos de pesquisa, em grupos de estudos, e diversas oportunidades institucionais de fazê-lo. A gente tem programas de iniciação científica, de bolsas de iniciação científica, nós temos possibilidades de assistência estudantil e bolsas para pesquisa, através da Superintendência de Assistência Social, além de outras iniciativas de assistência e permanência estudantil... (Professor Murillo Marschner, Departamento de Sociologia da USP)

Percebe-se, portanto - além das disciplinas teóricas obrigatórias nos primeiros anos, como vimos no capítulo 1 -, uma predominância de atividades voltadas ao meio acadêmico, sem dar tanta ênfase ao processo de profissionalização do estudante, dando abertura para a atuação em empresas, agências de pesquisas ou de fomento às Ciências Sociais aplicadas.

Ciências Sociais



O cientista social é o profissional habilitado a compreender de modo amplo as relações sociais do passado e do presente, num mundo marcado por discrepâncias e antagonismos históricos entre diferentes povos e entre grupos formadores de um mesmo povo.

O curso de graduação em Ciências Sociais está estruturado, atualmente, em torno de três grandes campos de conhecimento teórico e metodológico, formados pelos Departamentos de Sociologia, Antropologia e Ciência Política, que formam as áreas nucleares do curso juntamente com Metodologia e Técnicas de Pesquisa.

Com esta estruturação modular do Curso de Ciências Sociais, espera-se que o cientista e/ou profissional da área disponha de formação teórica e de pesquisa que o habilite a desenvolver a capacidade analítico-crítica; ter domínio das principais correntes de pensamento e das mais importantes obras e autores que construíram as Ciências Sociais, do século XVIII até a atualidade; ter o domínio dos principais conceitos teóricos e metodológicos por meio dos quais possam ser identificados e analisados os problemas sociais, culturais, econômicos, políticos, etnográficos etc. da sociedade moderna.

Na página principal da graduação de Ciências Sociais, no portal da USP, chama a atenção o trecho "ter domínio das principais correntes de pensamento e das mais importantes obras e autores que constituíram as Ciências Sociais, do Séc. XVIII até a atualidade." Neste sentido, é necessário evidenciar que não é a nossa intenção criticar a carga teórica dos cursos de Ciências Sociais aqui citados, muito pelo contrário, a capacidade de o aluno analisar assuntos e teorias complexas são grandes competências que o curso promove, no entanto, nos parece não haver um equilíbrio entre teoria e prática, devido a não obrigatoriedade do trabalho de conclusão de curso (TCC) e apenas dois semestres de métodos e técnicas de pesquisa (I e II)⁵⁰. Ou, como aponta o pesquisador da USP:

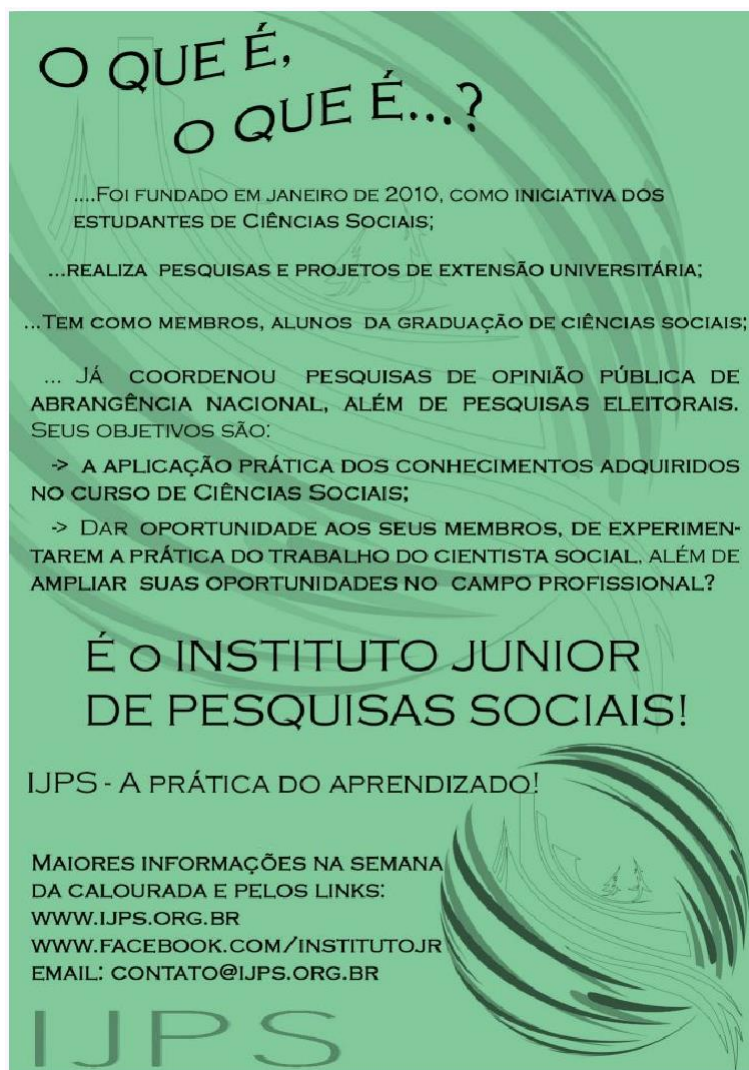
⁵⁰ Observamos que na grade curricular da PUCSP temos também apenas dois semestres de métodos e técnicas de pesquisa, no entanto, a disciplinas "Temáticas" (antropologia, sociologia, ou ciência política) e "Trabalho de conclusão de curso" incentivam o aluno à prática da pesquisa.

O ambiente ignorava questões sobre como funcionava o trabalho, e o trabalho se restringia a um leque muito restrito de opções: funcionalismo público, assessoria política, e para o "nerds", a pesquisa acadêmica e a docência. Os professores não estavam muito interessados em falar sobre isso, sabe? Os professores chegavam na sala de aula e falavam: em 1848..."(trecho da entrevista com Pesquisador E. da USP)

Esta fala do Pesquisador E. soa completamente preocupante. Qual o sentido de um curso superior, que pressupõe uma etapa rumo ao mercado de trabalho e profissionalização dos jovens, ignora questões sobre como funcionam o trabalho? Todos sabemos da importância de recorrer aos teóricos do passado, não se trata de ignorá-los, mas as questões do mundo contemporâneo e, portanto, a vida regida pelo trabalho e a necessidade de tê-lo, especialmente em nosso país, precisam ser debatidas ou o esvaziamento dos cursos será algo inevitável. Desta maneira, cursos de graduação em Ciências Sociais com um caráter mais "aplicável" e o apelo ao mercado de trabalho, como é o da ESPM, tomam o lugar de cursos tradicionais no Brasil.

Embora as possibilidades estejam alicerçadas na prática de pesquisa acadêmica e as possibilidades de trabalho extra-acadêmico sejam remotas, como explicitaram os pesquisadores da USP, em 2010 foi fundada uma empresa Júnior no curso de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo, denominada IJPS⁵¹ (Instituto Júnior de Pesquisas Sociais):

⁵¹ Não foram encontradas informações sobre o atual status da empresa júnior. Seu site ijps.org.br está desativado.



**O QUE É,
O QUE É...?**

....FOI FUNDADO EM JANEIRO DE 2010, COMO INICIATIVA DOS
ESTUDANTES DE CIÊNCIAS SOCIAIS;

...REALIZA PESQUISAS E PROJETOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA;

...TEM COMO MEMBROS, ALUNOS DA GRADUAÇÃO DE CIÊNCIAS SOCIAIS;

... JÁ COORDENOU PESQUISAS DE OPINIÃO PÚBLICA DE
ABRANGÊNCIA NACIONAL, ALÉM DE PESQUISAS ELEITORAIS.
SEUS OBJETIVOS SÃO:

- > A APLICAÇÃO PRÁTICA DOS CONHECIMENTOS ADQUIRIDOS
NO CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS;
- > DAR OPORTUNIDADE AOS SEUS MEMBROS, DE EXPERIMEN-
TAREM A PRÁTICA DO TRABALHO DO CIENTISTA SOCIAL, ALÉM DE
AMPLIAR SUAS OPORTUNIDADES NO CAMPO PROFISSIONAL?

**É O INSTITUTO JUNIOR
DE PESQUISAS SOCIAIS!**

IJPS - A PRÁTICA DO APRENDIZADO!

MAIORES INFORMAÇÕES NA SEMANA
DA CALOURADA E PELOS LINKS:
WWW.IJPS.ORG.BR
WWW.FACEBOOK.COM/INSTITUTOJR
EMAIL: CONTATO@IJPS.ORG.BR

IJPS

Este fato nos mostra uma tentativa dos alunos em traçar outros caminhos para a carreira profissional do Cientista Social. Ainda que haja "pesquisa social" e não "pesquisa de mercado" em sua proposta, a ideia de "dar oportunidade aos seus membros de experimentarem a prática do trabalho do Cientista Social além de ampliar duas oportunidades no campo profissional" nos parece a expressão da vontade de dar outros rumos para os alunos e egressos.

Durante as entrevistas, quando perguntado aos pesquisadores da USP sobre iniciativas que buscavam incentivar a profissionalização dos alunos, ou se havia algum apelo para a entrada no mercado de trabalho, as respostas pareciam semelhantes:

Em geral, a galera rejeitava entrar no mercado corporativo, mas muita gente entrava sim, principalmente em estágio e tal. No

entanto, a galera reconhecia que o mundo é cheio de problema, mas a gente tem que ganhar o pão. Se tem o mercado corporativo a gente vai pro mercado corporativo. Eu vejo assim, quem conseguia seguir carreira acadêmica ou ir para o terceiro setor era a verdadeira elite, sabe? A galera que ia para a pesquisa de mercado, no geral, era porque não conseguiam coisa melhor. Estava precisando de uma grana e acabou entrando. Tinha muita gente de classe média alta mas tinha também muito filho de operário, sabe, então eles reconheciam a pobreza. Então muitos abraçavam na primeira oportunidade [...] Dava uma vergonha sim, não nego. Eu via no mural da faculdade algumas oportunidades em empresas e dava uma vergonha sim. Mas assim, eu nunca vi ninguém ser reprimido por fazer. (Trecho da entrevista com o Pesquisador A.O da USP)

Dois elementos ficam evidentes na fala do entrevistado: de um lado, uma certa repulsa ao mercado devido ao caráter crítico e questionador da sociedade capitalista do curso, de outro lado, a necessidade de se empregar para o sustento e, portanto, a "rendição ao mercado". No entanto, nota-se também as profissões vistas como "ideais", como a carreira acadêmica ou no terceiro setor. Destacamos uma questão importante sobre a carreira em Organizações não Governamentais observada na fala do entrevistado:

Eu tinha a sensação que o terceiro setor pegava um pessoal com um nível educacional muito elevado, políglotas, que muitas vezes fizeram intercâmbio, ou de alguma forma moraram fora do país, que vieram de escolas excelentes, eles pegavam a nata da elite. Era uma galera que gostava muito dessa área, que queria crescer nessa área, um pessoal que estudou nas melhores escolas particulares de São Paulo, sabe? Esse pessoal tinha uma bagagem muito forte e eles poderiam ter entrado em outros cursos, então foi uma opção de fato deles e eles acabavam angariando essas vagas [...] Eu quase fui pra pesquisa de mercado nessa época, eu achei que não ia conseguir nada e acabei conseguindo um estágio no CDHU. (Trecho da entrevista com o Pesquisador A.O da USP)

As duas profissões expostas como "ideais" pressupunham uma bagagem que favorecia o estudante de um poder aquisitivo mais alto:

Tinha também a empresa júnior, ou iniciativas de empresas júnior, para as quais eu e a maioria dos alunos torciam o nariz. Ninguém queria saber de empresa júnior. A ideia era: estou aqui fazendo a minha iniciação científica e em algum momento eu vou ser professor universitário de alguma instituição de prestígio no sudeste. (trecho da entrevista com o Pesquisador E. da USP)

Expressões como "torciam o nariz" e "vergonha" nos chamam a atenção e reforça um direcionamento ao avesso para outras profissões dentro do campo das Ciências Sociais.

Em buscas no LinkedIn sobre a atuação dos Cientistas Sociais no mercado de trabalho, nos deparamos com o LEPECS (Laboratório Estudantil de Pesquisa e Extensão em Ciências Sociais da Universidade de São Paulo). Embora os entrevistados não fossem da mesma geração que o LEPECS e, portanto, não comentaram sobre a existência deste laboratório especificamente, consideramos pertinente a inserção deste tema no presente trabalho, pois demonstra a intenção dos alunos em romper com as possibilidades tradicionais de atuação do Cientista Social. Em seu principal canal de comunicação, uma página⁵² do LinkedIn, o LEPECS se define como:

A LEPECS (Laboratório Estudantil de Pesquisa e Extensão em Ciências Sociais) é uma extensão construída por alunos de graduação que tem como missão democratizar o ensino superior, corroborar com a permanência no curso, garantir a formação qualificada dos estudantes e os prover de ferramentas e competência únicas para se destacar nas mais diferentes áreas de atuação no mercado de trabalho.

Com a elaboração de cursos de programação e demais instrumentos metodológicos, workshops sobre mercado de trabalho, divulgação de vagas de estágio, rodas de conversa e demais espaços, a LEPECS busca criar possibilidades de atuação e contato profissional para além da vida acadêmica.

Diálogo realizado através de preposições com embasamento científico, respeito, suporte docente, excelência, cooperação mútua e responsabilidade com a faculdade e o nosso curso.

⁵² <https://www.linkedin.com/company/lepecs-usp/posts/?feedView=all>

É possível notar uma preocupação latente dos alunos pela atuação no mercado de trabalho. O trecho "promover ferramentas e competências únicas para se destacar nas mais diferentes áreas do mercado de trabalho" indica que o instrumental é valorizado, mas qual o papel da própria universidade sobre essas questões? Os fatos demonstram que a preocupação parece vir mais dos alunos dos que por meio do próprio curso.

Já no caso da FESPSP, a descrição do curso no portal da instituição propõe uma abordagem voltada para as Ciências Sociais Aplicadas:⁵³



SOCIOLOGIA E POLÍTICA

Sociologia e Política

FESPSP | 90 ANOS
FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO

**SOCIOLOGIA
E POLÍTICA**

O curso de Sociologia e Política da Escola de Humanidades - FESPSP forma profissionais habilitados a interpretar, analisar e aplicar o conhecimento das Ciências Sociais Aplicadas à resolução de problemas inerentes à complexidade dos processos das esferas pública e privada.

Embora seja uma das faculdades de Ciências Sociais mais tradicionais do Brasil, vimos que o empirismo, a ida a campo e a "mão na massa" é uma característica intrínseca ao curso, desde Donald Pierson. Em entrevista com uma professora da instituição, quando questionada sobre a preocupação dos professores com a profissionalização dos alunos, nos pareceu que este sentimento não se encaixa exatamente no dia-a-dia do curso: "Não, nem dá para ter essa preocupação. Você está dando um autor do século XIII, você não

⁵³ Além de um dos quatro eixos ser Ciências Sociais Aplicadas, como exposto no primeiro capítulo.

vai pensar no que o aluno vai trabalhar, a sua obrigação é passar aquilo." (trecho da entrevista com a professora R. da FESPSP)

Novamente a questão dos autores clássicos aparecem. Tal questão sugere um desequilíbrio entre o que é passado em sala de aula e o que acontece no mundo do trabalho. Não se trata, novamente, de ignorar os teórico, mas talvez proporcionar uma articulação entre teoria e prática, ou entre teorias clássicas e atuais seja um caminho para resolver essas questões.

Embora haja uma certa queixa por parte da Professora R., ao argumentar a respeito do tempo para se preocupar com o futuro profissional dos alunos, a docente acredita que o olhar para as Ciências Sociais aplicadas seja uma tentativa de preparar o aluno para trabalhar com pesquisa:

Eu acho que é o que a FESP está tentando agora com a Sociologia Aplicada. Faz uns dois ou três anos que surgiu esta ideia, veio da direção, que insiste que a sociologia aplicada vai ser muito importante, né? A ideia é preparar o aluno para fazer pesquisa, isso vem muito do trabalho integrado⁵⁴, e ainda acho que o melhor aqui é fazer pesquisa sobre a cidade, e a ideia é fazer sempre um levantamento de um problema e apresentar uma solução. O próprio trabalho do aluno é propor uma solução do problema [...] Eu acho que a principal mudança é a questão do trabalho integrado, insistir para o aluno fazer uma pesquisa empírica, ir a campo. (Trecho da entrevista com a Professora R.)

Por outro lado, observamos uma tentativa da própria IES em promover essa articulação entre a teoria e prática. Ao analisarmos a fala da professora sobre o apelo da instituição para as Ciências Sociais aplicadas, fica muito clara a intenção de uma mudança, mesmo que tímida, em um primeiro momento.

⁵⁴ Trabalho Integrado é composto por atividades práticas do curso de Sociologia e Política. O Trabalho Integrado está presente em todos os semestres do curso e terão avaliações específicas que serão integralizadas às avaliações das disciplinas do respectivo semestre. Os trabalhos são desenvolvidos em dupla e em grupo.

Seus objetivos específicos são: Promover o conhecimento interdisciplinar ao estudante; Desenvolver habilidades de trabalho em grupo e competências socioemocionais como colaboração e liderança.; Estimular o exercício da dimensão aplicada do conhecimento a partir da resolução de problemas.; Valorizar os processos enquanto prática de assimilação e aplicação de métodos e técnicas de pesquisa.; Focalizar temas específicos dentro do campo de abrangência escolhido como objeto de pesquisa, tematização, questionamento ou incursão bibliográfica; Estimular o desenvolvimento de produtos que convergem para a aplicação do conhecimento produzido à realidade social brasileira e, em especial, da cidade de São Paulo.

Não obstante, durante as entrevistas com as pesquisadoras da FESPSP, o assunto sobre a prática de pesquisa empírica foi recorrente. Os alunos são, de fato, incentivados a ir a campo, a colocarem a mão na massa:

Eu acho muito legal o esquema da FESP, que são pesquisas que unem umas três disciplinas, e você precisa fazer uma pesquisa abordando essas três disciplinas. É super legal. Mas assim, você passa o ano letivo tendo teoria e nos fins de semana você precisa fazer o trabalho, então complica um pouco, eles tentam ser mais aplicados, sim [...] Eu sinto que tem pouco apoio, diferente do trabalho, que eu sempre tenho alguém da mesma função que eu me explicando ali no dia a dia, por mais que seja dentro de uma lógica mais veloz." (Trecho da entrevista com Pesquisadora G. da FESPSP)

Esta é uma evidência de que o direcionamento às Ciências Sociais Aplicadas, de fato, causam um efeito positivo aos alunos. Com o incentivo à ida a campo, se sentem mais preparados para a ação:

A FESP tem uma grade que não te faz ficar sentado, sabe? Em Antropologia, por exemplo, tem bastante coisa sobre pesquisa de campo, sobre entrevista, de a professora passar teorias, então isso ajudou muito para eu começar as entrevistas neste trabalho, foi bem mais rápido o processo. Eu senti que eu estava mais preparada para ir para a rua. (Trecho da entrevista com Pesquisadora M. da FESPSP)⁵⁵

As falas das entrevistadas demonstram que quanto mais atividades práticas de pesquisa no curso de graduação, mais a formação se torna sólida e prepara o aluno para o mercado de trabalho. As diretrizes curriculares do Ministério da Educação (MEC) já apontam para essa necessidade, no entanto, na prática, vimos que não é um exercício tão comum. Não podemos negar que eles existem na FESPSP, mas, segundo os entrevistados, não são suficientes por conta da falta de orientação sobre o "como fazer" na prática.

Com uma proposta de curso diferente das outras instituições mencionadas, a ESPM coloca a profissionalização do aluno em primeiro plano:

⁵⁵ É importante ressaltar, que o trabalho citado pelas pesquisadoras G. e M. nesses trechos, não se trata do trabalho integrado, mas sim sobre suas atuações nas empresas.

CURSOS
PROCESSOS SELETIVOS
ESTUDE NA ESPM
VIVENCIE A ESPM
SOBRE A ESPM

Q

CIÊNCIAS DO CONSUMO ESPM

BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS



MERCADO DE TRABALHO

Quem se forma na ESPM tem 91%* de empregabilidade.



ESPM LIFELAB

Disciplinas inéditas.
Metodologias exclusivas para desenvolver suas habilidades profissionais e pessoais.



PROGRAMAS DE INTERCÂMBIO

Abrimos um mundo de possibilidades para você.

Na página oficial do curso, no site institucional da ESPM, dois elementos chamam a atenção: 91% de empregabilidade e "metodologias exclusivas para desenvolver suas habilidades profissionais e pessoais", ambas incluídas em um Bacharelado em Ciências Sociais.

Um fato curioso, é que durante a entrevista com o Professor T., coordenador do curso de Ciências Sociais e do Consumo da ESPM, fizemos uma análise sobre sua própria percepção, pelo fato de também ter cursado Ciências Sociais e compartilhar do sentimento de falta de aplicabilidade no mercado de trabalho, como debatido em toda a extensão deste trabalho:

Eu amava ciências sociais, amava tudo que eu tinha aprendido durante o curso. Amava os professores da PUC. Gostava dessa capacidade intelectual e do pensamento em profundidade sobre o mundo, sobre sociedade, sobre filosofia, sobre história, sobre sociologia, antropologia e assim por diante. Mas eu percebia que não tinha aplicabilidade para o mercado. Ou tinha e eu não sabia utilizar. Era muito difícil. Eram poucos os egressos de Ciências

Sociais que acabavam adentrando na área da pesquisa. Uns ou os outros tinham mais vantagem nisso. A maioria era da USP. (Trecho da entrevista com o Professor T.)

Ou seja, a falta de aplicabilidade é um problema que perpassa algumas gerações das Ciências Sociais. Dada a baixa inserção dos alunos na carreira acadêmico, onde um dos motivos é pequena disponibilidade de vagas em relação a quantidade de egressos, como já citou Maria da Glória Bonelli (1993) em seu trabalho, as gerações de Cientistas Sociais buscam se adequar e encontrar novas formas de atuação.

Em relação a inserção dos estudantes no mercado de trabalho e o incentivo para que os alunos se profissionalizem, existe um laboratório de pesquisa na ESPM, cujo o objetivo é fazer a conexão entre o ambiente acadêmico e o mercado, como explica o Professor T.:

Logo no começo a gente resolveu criar um laboratório de pesquisa aqui e a gente queria que os estudantes solucionassem problemas reais no mercado. Aí nós conversamos com a Danone, que tem um reconhecimento muito grande pelo relacionamento que eles têm com crianças, principalmente. É uma marca de muito apelo infantil, mas eles queriam atingir um outro público no Brasil, que era a chamada terceira idade. Os idosos. Só que antes de lançar essa linha para terceira idade, a marca queria entender a mente do que seria a terceira idade.

Foi o primeiro trabalho que a gente fez via laboratório. E na verdade, a investigação do era sobre o que representa ser velho no Brasil, como se comunicar com as pessoas mais velhas. O que as pessoas mais velhas esperam de produtos de nutrição, de alimentação, gosto e etc. Então foi um estudo de um semestre inteiro para traçar um perfil desse grupo e que depois os resultados. (Trecho da entrevista com o Professor T.)

Isto é, de certa maneira, embora os estudantes tivessem outra abordagem na pesquisa, a do consumo, trata-se de uma inserção do aluno ao mercado de trabalho:

Tudo isso gera uma empregabilidade alta também, porque as pessoas se encantam quando vêem a grade do curso, o mercado

fica muito feliz e nos pedem recomendação. A gente recomenda as pessoas. Para você ter ideia, ele recentemente teve pedidos de recomendação aqui que a gente ofereceu para todas as turmas da noite, que era o público que eles estavam esperando. E não tinha ninguém que não estava empregado. (Trecho da entrevista com o Professor T.)

Em entrevista com os Pesquisadores da ESPM, é notável a ênfase dos alunos a inserção no mercado de trabalho:

A gente tem muito conteúdo acadêmico, igual aos outros cursos, mas a faculdade em si já puxa para o mercado, então, só de estar lá, a gente tem as entidades de empresa Junior, temos o Arenas que é uma agencia experimental, no próprio curso de Ciências Sociais nós temos um Laboratório de Pesquisa em Consumer Insights, que desde o primeiro semestre os alunos podem participar, trabalhando para empresas reais. (Trecho da entrevista com Pesquisador T. da ESPM)

Aqui, o caráter mercadológico da própria IES contribui para que os alunos direcionem suas visões para a profissionalização e pensem como poderiam aplicar os conhecimentos adquiridos ao mercado. Desde o primeiro semestre os alunos já são encaminhados para a prática de pesquisa.

Eu comecei na ESPM porque é uma faculdade com a empregabilidade muito alta, é uma faculdade que realmente dá muitas oportunidades para o mercado de trabalho.

Eu vi a grade, me apaixonei pela grade do curso, porque é tudo que eu sempre gostei de estudar em um curso que tem uma apelo ao mercado. E foi assim que eu cheguei nesse curso. " (Trecho da entrevista com a Pesquisadora M.R da ESPM)

Fica evidente, portanto, que diferente da trajetória dos pesquisadores entrevistados das outras universidades, na ESPM o fator empregabilidade está muito presente. Se compararmos as falas dos Pesquisadores da PUC, ou da USP, por exemplo, ou até mesmo da FESPSP, existe um apego dos estudantes mais voltado aos assuntos debatidos no curso, ao invés da empregabilidade. Já na ESPM, essa dinâmica é um pouco diferente: a abertura ao mercado e a possibilidade de emprego é um fator considerado antes de o aluno ingressar no

curso. Entretanto, questionamos: quais são, de fato, as habilidades que os estudantes de Ciências Sociais desenvolvem que os auxiliam na atuação no mercado de pesquisas?

4.1 Mercado privado de pesquisas: especialidade ou estratégia de sobrevivência?

Na tentativa de responder a pergunta que encerra a seção anterior, é necessário retomarmos a discussão sobre o lugar do Cientista Social fora da academia. Sabemos, desse modo, que a academia é o lugar de maior acolhimento para o egresso de um curso de Ciências Sociais, embora a minoria deles siga a carreira acadêmica. Em busca de compreender sobre o tortuoso caminho desses profissionais fora do ambiente acadêmico, Miglievich (1999), ao escrever sobre "A Sociologia quanto "sai" da universidade" pontua:

Cientistas Sociais brasileiros vêem-se "embaraçados" quando da perspectiva de ingressarem, como categoria, no mercado de trabalho não-acadêmico. Ao mesmo tempo, este mercado vem, a seu modo, demandando quadros de alta qualificação numa seara que, se assim quisermos, poderia vir preenchida por egressos dos nossos cursos, o que, de resto, obriga-nos a re discutir a temática da profissionalização nas Ciências Sociais. (MIGLIEVICH, 1999, p.175)

De fato, é esperado que um Cientista Social saia do curso com uma alta capacidade de absorver e articular assuntos complexos sobre a realidade social. Compreender o comportamento na vida em sociedade e as suas nuances políticas, antropológicas e sociológica se transforma em um ofício - e por que não um desafio - diário diante da alta carga de informação que é passada aos alunos durante o curso. Em meio a esta contatação, enxergamos o consumo como um elemento a ser decifrado na sociedade contemporânea e é neste sentido que um olhar analítico, crítico e capacitado a produzir através de métodos de pesquisa, que o Cientista Social vem se encaixando.

Conduzindo a discussão para a pesquisa de caráter mais mercadológico, Braga (2004) nos dá substância à argumentação sobre como as habilidades dos Cientistas Sociais "seduzem" o mercado:

A convergência de interesses em pesquisas entre a arena do mercado e a da política está correlacionada com a difusão de um "método científico" na sociedade como um todo, com o papel do conhecimento na sociedade pós industrial e com um acirramento das competições. Da inesgotável diversidade de tipos de pesquisa, segundo seus objetivos, metodologias e questões a serem respondidas, aqueles focalizados por este texto agregam um amplo espectro: em primeiro lugar, dizem respeito à avaliação da eficácia ou do impacto de estratégias de convencimento em contexto de competição por meio da verificação de potencialidades de ação - o que não é igual a ação - nos atores encarregados da escolha (eleitores ou consumidores). Assim, investiga-se a percepção e a reação dos atores pelas suas potencialidades de ação em contato com conteúdos (qualidade da mercadoria e carreiras políticas de candidatos), formas (embalagens e imagens) e com a retórica persuasiva em si mesma (propagandas e discursos. Equalizam-se vendas e votos, capitalismo e democracia, tratados como questão de escolha, daí muitas vezes a necessidade de uma abordagem mais psicológica, até o inconsciente humano. (BRAGA, 2004, p. 58)

Isto é, em uma sociedade pós-industrial não basta conhecer os consumidores superficialmente, o acirramento das competições entre marcas, produtos e serviços se torna cada vez mais voraz e a necessidade de se aprofundar em contextos sociais, políticos e ideológicos dos consumidores fica mais evidente, tornando a disputa para entender as "potencialidades de ação" mais complexa, senão uma das únicas maneiras de se destacar diante de uma enxurrada de opções aos olhos dos consumidores. E é neste contexto que a capacidade de interpretar assuntos complexos que as habilidades dos Cientistas Sociais emergem neste campo de atuação.

Quando perguntado aos entrevistados sobre em que medida o curso de Ciências Sociais contribuiu para desenvolvimento enquanto profissionais que atuam no mercado de pesquisas, as respostas foram quase que unânimes:

Eu tenho certeza que contribuiu. Eu tenho algumas críticas em relação ao que foi esse ensino dentro da PUC, mas eu acho que é uma faculdade de excelência, que me ensinou muitas coisas, especificamente que vale a pena acreditar na pesquisa, no estudo, mergulhar nos assuntos e tentar encontrar cada questão que possa interferir sobre o contexto, e acho que isso é sobre Ciências Sociais, e sobre Ciências sociais a PUC me ensinou muito bem. Mesmo que tenha sido um ensino acadêmico, apesar de ter precisado aprender sobre coisas de mercado, eu não tenho dúvida que o que eu aprendi lá me ajuda muito até hoje." (Trecho da entrevista com a Pesquisadora C. da PUCSP)

Tal depoimento expressa que embora os objetivos de cada uma das pesquisas, a acadêmica e a de mercado, sejam diferentes, em ambas é necessário embasamento teórico metodológico para desenvolvê-las. Olhar profundamente para um assunto e enxergar as questões contextuais que refletem na realidade, de fato, é algo que o ensino das Ciências Sociais proporciona. Sobretudo na pesquisa qualitativa, que visa proporcionar a melhor visão e compreensão dos problemas a partir de ideias preconcebidas sobre o resultado da investigação. (MALHORTA, 2005). O "alto nível de complexidade" do ensino das Ciências Sociais, isto é, o contato com diversos pensadores, a alta carga de leitura, as avaliações e trabalhos acadêmico de fato dão ao aluno o "treinamento" para encarar e articular diferentes pontos de vista, como expressa o Pesquisador A., da PUCSP:

Capacidade de articulação de diferentes fontes de informação e conteúdo. Conseguir ser objetivo com isso, sabe? Saber onde eu quero chegar, saber articular ideias, ainda que num nível alto de complexidade. O curso te dá um alto nível de complexidade, um alto nível de informação que você tem que articular. De verdade eu acho que essa é a maior bagagem que eu levo." (Trecho da entrevista com o Pesquisador A. da PUCSP)

Embora a habilidade de análise e de domínio de metodologia, especialmente em análise qualitativas, sejam extremamente valiosas, os entrevistados da USP, PUC e FESP pontuaram dois elementos que chamam a atenção: a falta de domínio de metodologias e técnicas quantitativas e a dificuldade de se adequar aos padrões "corporativos".

Em relação ao ferramental da pesquisa abordado durante o curso, isto é, técnicas de análise quantitativa, uso de softwares de organização e codificação de dados, como vimos nos currículos expostos no primeiro capítulo, há uma defasagem. O curso de Ciências Sociais da PUCSP conta com apenas 68 horas/aula de Estatística e 68 horas/aula de Métodos e Técnicas de Pesquisa. Uma quantidade um tanto menor em relação às disciplinas menos práticas ou teóricas: "As aulas de estatística foram muito rasas, aula de métodos eu aprendi a fazer citação acadêmica, e isso eu não posso fazer no meu trabalho, então, objetivamente, sinceramente, não teve." (Trecho da entrevista com o Pesquisador A. da PUCSP)

Já no curso da FESPSP, Estatística conta com 72 horas/aula e Pesquisa e Análise de Dados também com 72 horas/aula, o que foi considerado ineficaz para a atuação, como expõe a entrevistada:

Eu não me senti preparada para o mercado de trabalho. Por exemplo, sobre análise de dados, eu tive um semestre só de estatística. A gente teve também uma matéria de survey, mas assim, uma matéria só, o que não é suficiente. Eu acho que falta um pouco esse exercício. Por mais que tenha essa proposta de todo o semestre fazer pesquisa, a gente precisa exercitar mais. (Trecho da entrevista com Pesquisadora G. da FESPSP)

Observa-se, por meio da fala da Pesquisadora G., uma demanda do mercado por pesquisas quantitativas que não é atendida pelo curso. Na USP, a disciplina de Noções de Estatística conta com 60 horas/aula e Métodos e Técnicas de Pesquisa é ministrado em dois semestres, totalizando 180 horas/aula:

Na grade da minha geração (2010, 2014), nós tínhamos duas disciplinas de metodologia, uma de quantitativa e uma aplicada a uma das áreas das ciências sociais. Eu estudei estatística para passar de ano. Eu fiz sociais, não era o cara das exatas, mas hoje em dia eu trabalho com isso." (Trecho da entrevista com Pesquisador E. da USP)

Com excessão dos alunos da ESPM, nenhum entrevistado das outras IES selecionadas expôs o aprendizado sobre técnicas quantitativas com

veemência, embora a disciplina de estatística estivesse presente na grades curriculares. Esta constatação nos faz pensar em alguns pontos relevantes para o currículo das Ciências Sociais: apenas a disciplina de estatística é suficiente? Já que ela está presente, por que não ampliar o ensino para uma interlocução com a ciência de dados, machine learning e o uso de linguagem de programação para o profissional ter a noção de como é lidar com dados? Saindo da seara da pesquisa de mercado, pesquisas de opinião, eleitorais e sensores usam dessas ferramentas para realizarem suas análises.

Nos parece, portanto, que há uma oportunidade para o Cientista Social trabalhar não só na análise de pesquisas quantitativas, mas também no planejamento, operação e entrega. Competências como técnicas amostrais, construção de questionários, organização e sistematização de dados, leitura de dados estatísticos e extrapolação de resultados precisam fazer parte do leque de atuação dos Cientistas Sociais. Desta maneira, o sucesso profissional e a valorização da profissão teria potencial para crescer substancialmente.

Ademais, foi relatado uma falta de preocupação em se atualizar quanto aos assuntos do século XXI, o que dificulta ainda mais a expansão na atuação:

Então fica essa lacuna, e essa lacuna é muito clara nas ciências sociais. Tem muito pouca área das ciências sociais da USP que conversa melhor com o mundo de inovação, mas essas áreas são mal vistas dentro dos departamentos, os professores são meio marginalizados, o pessoal que trabalha mais com inovação, modernidade, etc. Eu acho que tudo fica muito preso aos assuntos dos anos 60, isso acontece muito. Enfim, eu acho que existe um sofrimento sim para o estudante de ciências sociais. (Trecho da entrevista com Pesquisador A. da USP)

Já na ESPM, tais lacunas mencionadas acima buscam ser preenchidas. Os alunos são preparados para serem pesquisadores no mercado, disciplinas sobre Inteligência Artificial, Raciocínio Lógico, Comportamento do Consumidor e Economia Comportamental estão presentes em toda a extensão do currículo:

Geralmente os trabalhos das disciplinas são cases, então, por exemplo, em antropologia, a gente foi fazer uma etnografia para estudar o paladar da comida de rua, então a gente trabalha muito

com metodologia. Além disso, a gente tem disciplinas especificamente de pesquisa, de metodologia, por exemplo, grupo focal, amostragem, preço de pesquisas, estatística, análise e visualização de dados, que ajuda muito na pesquisa quantitativa. Então quando eu cheguei no meu estágio, eu já sabia o que era isso, eu já tinha uma base. (Trecho da entrevista com a Pesquisadora M.R da ESPM)

Em relação aos "padrões corporativos" como mencionado, os pesquisadores formados nos cursos "clássicos" relataram um certo desajuste na maneira como se ensina a fazer pesquisa na universidade se comparado a como ela acontece no mercado. Claro que, diante do viés acadêmico, não podemos comparar os tipos de pesquisa, entretanto, é interessante pontuarmos sobre o rigor científico (ou a falta dele) e a velocidade em que são feitas as pesquisas no mercado. A velocidade da produção de conhecimento, a necessidade de entregar as análises resumidas e o foco no lucro, por vezes, foram citadas como pontos negativos pelos Pesquisadores formados em Ciências Sociais:

A questão é a seguinte: tem que dar lucro! Eu entendo a FESP, a questão não é você ser uma pessoa altamente crítica, você tem que ter o conhecimento da teoria para você conseguir fazer uma análise embasada, dentro de linhas de pesquisas que são longas, históricas. No mercado não tem isso, a operação tem que ser barata, para o investidor ficar feliz, sabe? É muito fácil você produzir pesquisa sem ser pesquisador, sem entender quase nada sobre os tipos de métodos, tipos de técnicas, como você aborda um problema, como você aborda uma pessoa em uma entrevista, como você olha para o próprio dado... mas você não precisa ser um pesquisador no mercado para poder atuar. Eu via muita gente dentro do banco disseminando juízo de valor, pegando porcentagens erradas e chegando a conclusões desconexas da realidade. Lá dentro tem que ser tudo muito resumido, tudo muito rápido. Você tem que fazer pesquisa em dois ou três dias. Você não faz para descobrir um resultado, você faz para provar um resultado que querem que você prove." (trecho da entrevista com Pesquisadora G. da FESP)

É possível notar, a partir da fala da Pesquisadora G., que, embora os esforços estejam voltados ao lucro das organizações privadas, a capacidade de produzir conhecimento com embasamento é latente. Houve também relatos sobre a necessidade de ser sucinto nas análises:

Eu fazia textos imensos, uma vez eu fiz uma saída para um cliente que estávamos prospectando, e aí eu escrevi um email gigantesco, a diretora da empresa passou por cima do email. Por que, assim, no mundo corporativo tem um pessoal que não gosta de ler, um pessoal que não vai se propor a ler mil caracteres, é tudo muito dinâmico, tudo muito apressado, muito atropelado. Você dificilmente consegue muito tempo de atenção das pessoas. Você precisa fazer coisas elaboradas, mas não pode ser muito elaborado também. Já na academia, você escreve muito, muito mesmo, qualquer provinha que você faz tem duas ou três laudas. (Trecho da entrevista com Pesquisador A. da USP)

Não é nossa intenção, de maneira alguma, fazer campanha sobre como o estudante de Ciências Sociais deve se comportar no mercado de trabalho. A linha entre o acadêmico e o mercadológico precisa ser muito bem marcada. Entretanto, é importante que os alunos tenham em mente que seus interlocutores na vida profissional dificilmente serão também Cientistas Sociais, portanto, é preciso saber dosar a erudição e empreender a objetividade:

Nós como Cientistas Sociais temos que saber falar, a acurácia na análise e o domínio de certas metodologias, contribuem muito. Só isso, o resto é na raça. O corporativês é uma língua que eu aprendi trabalhando. Tem coisas também que não me ajudam, eu sou o barroco da turma. Quando eu tenho que debater com alguém, eu sou muito crítico com o texto, com os termos que eu uso. Então existe esse aspecto das ciências sociais que não me ajudam no corporativo." (Trecho da entrevista com o Pesquisador E. da USP)

Mesmo diante dos percalços, dos desalinhamentos e, muitas vezes, acompanhados das crises de identidade, os Cientistas Sociais que trabalham no mercado atingem remunerações compensadoras que contribuem para reduzir as expectativas de retorno ao meio acadêmico. Além disso, acabam rendendo-se ao ritmo agitado das entregas dos relatórios no meio corporativo

(DURAND, 1984). Com isso, vão se formando novas possibilidades de atuação e o aprendizado obtido nos cursos de Ciências Sociais os levam para um grau de qualificação diferenciados, guardados os devidos desalinhamentos entre alguns pontos citados até aqui. Ou seja, o que no início veio, para a maioria deles, ao acaso e por estratégia de sobrevivência, passa a ser prestigiado no mercado corporativo.

4.2 Os Cientistas Sociais no mercado e seus conflitos de legitimidade

Para compor análise sobre os Cientistas Sociais que atuam no mercado privado de pesquisas, não poderíamos deixar de abordar a questão da legitimidade desses atores. Como vimos no início deste trabalho, Bonelli (1993) e Durand (1984) têm posicionamentos diferentes em relação aos tensionamentos entre as posições de trabalho dos cientistas sociais.

Enquanto Bonelli (1993) entende o cenário como uma "competição interprofissional no palco das profissões", Durand (1984) defende que apenas no magistério superior a profissão de sociólogo é definida, isto é, não há disputa, uma vez que os cientistas sociais que atuam no mercado privado de pesquisas não são considerados como tais.

Portanto, diante das reflexões aqui estabelecidas, os dilemas vividos hoje pelos Cientistas Sociais expressam muito a transformação da sociedade. De fato, a partir das absorções dos conteúdos para a realização desta pesquisa, entendemos que o curso ficou muito identificado pela resistência ao capitalismo de um modo geral, especialmente no Brasil, por conta do embate com a ditadura militar.

Quando perguntado para os coordenadores e professores sobre a questão da identidade profissional e da legitimidade do Cientista Social que atua no mercado privado de pesquisas, os posicionamentos foram um tanto

quanto esclarecedores. A respeito das mudanças do curso em detrimento das mudanças na sociedade, nas palavras do coordenador do curso da PUCSP:

O Cientista Social era o foco de resistência à ditadura. Essa identidade perdura até a virada do século, acredito eu, e na medida em que há um refluxo da própria ideia de uma revolução dentro da sociedade nos moldes mais clássicos, essa identidade profissional do cientista social também passa por uma reformulação. Então, no final das contas, o Cientista Social detém o método, mas por trás do método um saber, e esse saber, acredito eu, ele não é meramente colocado a disposição de uma empresa capitalista que visa única e exclusivamente o lucro. Por que você também tem no campo empresarial, embora muito disso seja retórica e marketing, um comprometimento com o que se chama de responsabilidade social, ambiental, diversidade, não é? Em boa parte eu acredito que seja retórica, mas você tem de fato o empenho em contemplar demandas dos movimentos sociais. Então, quando você está discutindo tudo isso, é indispensável a presença de um Cientista Social. (Trecho da entrevista com o Professor J.)

Isto é, diante da fala do Professor J., nos parece que é chegada a hora de quebrar o "tabu" sobre utilizar o saber para uma empresa capitalista. Há, de fato, uma retórica por parte do marketing das empresas, no entanto, a responsabilidade social, ambiental e de diversidade precisam constar de alguma maneira, até mesmo o entendimento do seu público alvo, no caso da pesquisa de mercado, e por quê não uma pessoa qualificada para produzir conhecimento sobre essas questões?

A respeito das crises de identidade, nas palavras da professora da FESPSP:

"Eu vejo com maior tranquilidade, a pessoa tem que sobreviver. Não tem nada a ver a pessoa fazer ciências sociais, ser de esquerda, ser um militante político e trabalhar em um banco, por exemplo. Qual é o problema? A pessoa está lá por que precisa. Isso é uma visão romântica, infantil e ultrapassada." (Trecho da entrevista com a Professora R.)

De fato, esta questão assombra, mesmo que em um primeiro momento, alguns dos interlocutores, mas que logo analisam a realidade em que vivem e conseguem separar o caráter crítico que absorveram na universidade da realidade em que vivem:

No começo foi muito difícil, eu me sentia meio vendida. Caraca, olha onde eu estou? Fazendo pesquisa para empresa. Depois eu comecei a ver que assim, a gente já é menosprezado na nossa área e eu ter conseguido entrar lá (na empresa) e conseguir fazer o meu trabalho e mostrar que eles precisam sim do nosso trabalho, me fez sentir mais uma cientista social. E perceber que eu posso aplicar as Ciências Sociais, entende? (Trecho da entrevista com a Pesquisadora M. da FESPSP)

Absolutamente, e já encaminhando para o fim da nossa discussão, ao passo que compreendemos que o Cientista Social sai da universidade com a capacidade de ser um pesquisador, as questões de legitimidade tendem a se abrandar. Desta maneira, a valorização do trabalho, a remuneração e as conquistas da vida profissional acabam por tomar parte importante da vida dos egressos, e com eles a sensação de que sim, são Cientistas Sociais.

Considerações finais

A proposta da presente pesquisa foi compreender em que medida a formação do Cientista Social contribuiu para a sua atuação no mercado privado de pesquisas. Mais do que isso, buscamos compreender em profundidade suas trajetórias em busca da profissionalização, as oportunidades que apareceram durante o percurso e os aprendizados obtidos durante o curso de graduação em Ciências Sociais que serviram e servem de instrumentos para seus trabalhos. Desta maneira, é pertinente fazermos a exposição de algumas conclusões obtidas por meio deste trabalho.

Vimos, portanto, que uma base teórica sólida é de extrema importância para uma boa performance no mercado de trabalho. Os Pesquisadores formados na PUC, USP e FESPSP expressaram em suas falas de que maneira a capacidade de articular assuntos complexos, diferentes visões e traduzir isso para a realidade os alavancaram em suas experiências profissionais.

Nesse sentido, é importante ponderarmos, que a aposta da ESPM em inserir mais da metade da carga horária do curso em disciplinas direcionadas ao mercado, pode produzir profissionais mais vazios, incapazes de observar as entrelinhas dos problemas e construir uma visão sobre o todo. Tal capacidade é dificilmente obtida após os anos de universidade. Por outro lado, os alunos das IES que promovem cursos mais "clássicos", precisam dar conta de buscar conhecimento de mercado no próprio mercado, por mais redundante que isso possa parecer.

O fato é que o equilíbrio na articulação entre academia e mercado pode produzir o melhor dos dois universos. Não consideramos positivo o favorecimento para uma ou para outra direção, apenas é preciso considerar a escolha do estudante sobre os caminhos que deseja seguir. No entanto, essa escolha é impossível de ser realizada se não for trabalhada e incentivada durante os anos de curso, e é justamente neste lugar que constamos as lacunas no cursos tradicionais de Ciências Sociais.

Ao observarmos as grades curriculares, podemos constatar que as cargas horárias da PUCSP e da FESPSP possuem uma diferença de uma semana da primeira para a segunda instituição, o que significa uma mudança muito pequena na prática. Por outro lado, a USP aposta em 20 horas, entre as 90 da maioria das disciplinas obrigatórias, de atividades como leitura e trabalhos acadêmicos. Na prática, vimos por meio das conversas com os Pesquisadores, essas atividades pouco contribuem para a profissionalização dos alunos.

Diferente da USP, que conta com as atividades acadêmicas complementares não sistematizadas por meio atividades de pesquisa em grupo ou a interlocução com outras disciplinas, a PUCSP e a FESPSP optam por criar situações de pesquisa acadêmica, como é o caso do TCC exigido pelas duas IES (não obrigatório na USP), ou atividades interdisciplinares como o trabalho integrado, por exemplo. Por outro lado, a ESPM é a única das IES que possui uma carga horária integral nos primeiros semestres e coloca os estudantes em situações reais de pesquisa de mercado, através de cases e atividades nos laboratórios de pesquisa, cujo os problemas discutidos pertencem a empresas reais.

Outro elemento importante que deve ser destacado, a ESPM é a única IES que inclui formalmente em sua grade disciplinas de tecnologia, que corroboram com a idéia de as Ciências Sociais fazerem parte das profissões do futuro, capaz de produzir profissionais aptos a lidarem com Big Datas e algoritmos.

Por fim, ficou evidente nas falas dos Professores que há, de fato, um posicionamento das instituições em preparar os estudantes das Ciências Sociais para o mundo do trabalho contemporâneo. A PUCSP se propôs a reestruturar a sua grade curricular em 2019, a FESPSP trouxe um olhar para as Ciências Sociais aplicadas e a ESPM nos pareceu se apropriar em um pouco dos dois universos e teve êxito na formação de seus estudantes para o mercado, como demonstramos ao apontar a alta taxa de empregabilidade dos alunos. Já na USP, não encontramos evidências da modulação formal da grade curricular para os dias de hoje e o mundo do mercado, entretanto, constatamos

um esforço dos alunos - por meio de empresas júnior e programas de aprimoramento - em não deixar com que um saber tão especial e necessário sucumba por conta de sua não aplicabilidade no mercado de trabalho.

Todos os esforços até aqui trouxeram reflexões importantes mas não encerraram o debate, já que as IES continuam formando seus estudantes ano a ano, e cabe a nós, pesquisadores, tentar desvendar os desdobramentos do mundo do trabalho para os Cientistas Sociais.

Bibliografia

- BARBOSA, L. **Marketing Etnográfico: colocando a Etnografia em seu devido lugar**. RAE-Revista de Administração de Empresas, v. 43, n. 3, p.39-43, 2003.
- BONELLI, M. da G. **Identidade Profissional e Mercado de Trabalho dos Cientistas Sociais**: as ciências sociais no sistema das profissões. 1993. 298f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.
- BONELLI, Maria da Gloria. “O mercado de trabalho dos cientistas sociais”. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais. nº 25, ano 9, junho de 1994, p 110-126.
- BOURDIEU, P. **A Distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 2007.
- BRAGA, E. C. F. **Ciências Sociais e o Mercado da Pesquisa**: questões de Sociologia dos sociólogos
- BROCHIER, Christophe. O Nascimento da Sociologia no Brasil. São Paulo, Editora Sociologia e Política, 2018
- CASTRO, Guilherme Caldas et al. **Comportamento do consumidor e pesquisa de marketing**. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- Cientistas Sociais. 2004. 172f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- DOUGLAS, M.; ISHERWOOD, B. **O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.
- DURAND, J. C. A Mal-Assumida Profissão de Sociólogo. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v.24, n.3, p. 76-78, 1984.
- FERNANDES, Florestan. (1979) Mudanças sociais no Brasil. (3a. edição), São Paulo, DIFEL.
- GUIMARÃES, Rafael Estevão Marão. **A Escola de Chicago e a sociologia no Brasil: a passagem de Donald Pierson pela Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo**. 2011. 94 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/93173>>.
- Gil, A. C. (2010). **Métodos e técnicas de pesquisa social**. (6a edição). São Paulo: Editora Atlas.

JAIME JÚNIOR, Pedro. **Etnomarketing: antropologia, cultura e consumo**. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 41, n. 4, p. 68-77, out.-dez. 2001.

KOTLER, P.; KELLER, K. **Administração de marketing**. 14. Ed. São Paulo: Editora Pearson, 2012.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo, SP: Atlas, 2003.

MALHOTRA, Naresh K. Pesquisa de Marketing: uma orientação aplicada. 4a. ed.

Petrópolis: Vozes, 2005.

MAUSS, M. **Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas**. In: MAUSS, M. Sociologia e antropologia. São Paulo: EPU, 1974

McCRAKEN, Grant. **Cultura e consumo: novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

MENDOZA, Edgar SG. Donald Pierson e a escola sociológica de Chicago no Brasil: os estudos urbanos na cidade de São Paulo (1935-1950). **Sociologias**, n. 14, p. 440-470, 2005.

MICELI, Sergio (org.) História das Ciências Sociais no Brasil, vol. 1. São Paulo: IDESP, 1989.

MICELI, Sergio (org.) História das Ciências Sociais no Brasil, vol. 2. São Paulo: Editora, Sumaré, 1995.

MICELI, Sérgio. Intelectuais à brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Miglievich, A. (1999). A Sociologia quando "sai" da Universidade: ilustrações para um debate. *Cadernos CERU*, 10, 173-186.
<https://doi.org/10.11606/issn.2595-2536.v10i0p173-186>

MILLER, D. **Consumo como cultura material**. Horizontes Antropológicos, ano 13, n. 28, p. 33-63, jul./dez. 2007.

POPPER, Karl. **A lógica da pesquisa científica**. São Paulo: Cultrix, 1974.

Reis, F., 1993 A Avaliação das Ciências Sociais. Fábio Wanderley Reis, Universidade Federal de Minas Gerais

ROCHA, E. **Totemismo e mercado: notas para uma antropologia do consumo**. Revista Brasileira de Administração Contemporânea. Anais do 19º ENAPAD. Vol. I, nº 5, Marketing, Setembro, 1995.

SAHLINS, M. **Cultura e razão prática**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

Villas Bôas, G. K. (2003). Currículo, iniciação científica e evasão de estudantes de ciências sociais. *Tempo social*, 15(1), 45-62.

VLEBEN, T. **A teoria da Classe Ociosa**. São Paulo: Pioneira, 1965.

ANEXO 1

ROTEIRO DE ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE

Objetivo geral da entrevista:

Compreender em profundidade as trajetórias dos egressos do curso de Ciências Sociais das universidades PUCSP, USP, FESPSP e ESPM rumo ao mercado privado de pesquisas.

Entender em que medida a formação em Ciências Sociais contribuiu para trilharem o caminho da pesquisa de mercado; A abordagem do curso de Ciências Sociais sobre o mercado de trabalho; Disciplinas que influenciaram na atuação profissional; Questões de legitimidade sobre o que é ser um Cientista Social; Abertura dos cursos para os possíveis caminhos profissionais que o aluno pode seguir.

1. Identificação

Nome:

Instituição:

Ano de entrada:

Ano de saída:

Tempo de atuação no mercado:

2. Conhecendo o entrevistado (aqui queremos saber sobre a trajetória dos entrevistados, seu conhecimento prévio sobre o curso, influências, etc)

- a. Me conte um pouco como foram os seus últimos anos na escola, sobre o momento em que se começa a pensar em vestibular.
 - a. Existia alguma atividade vocacional que ajudasse os alunos a escolherem o que iriam prestar no vestibular?
 - i. Se sim, como foi isso? (identificar se Ciências Sociais apareceu)
 - b. Teve algo nesse período da escola que te influenciou a escolher cursar Ciências Sociais? Algum professor, feira de profissões, etc?

- b. Como foi que você conheceu o curso de Ciências Sociais? (sondar o primeiro contato com o curso; influências familiares ou não; etc)
 - a. Como foi que tomou a decisão de cursar Ciências Sociais?
 - b. Qual a reação dos seus familiares e pessoas próximas?
- c. O que você sabia sobre o curso antes de se inscrever para o vestibular?
 - a. Pesquisou alguma informação? Como fez isso? (sondar fontes, referências, etc)
 - b. Quais informações encontrou? Quais foram suas primeiras impressões?
- d. Como escolheu a universidade que cursou?
 - a. Quais critérios utilizou?
 - b. Escolheu mais de uma? Por quê?
- e. Qual era o seu principal interesse ao entrar no curso?
 - a. Esse interesse mudou? Por quê?
 - b. Com o que esperava trabalhar?
- f. Quando alguém perguntava com o que o Cientista Social trabalha, qual era sua resposta?

3. Sobre o curso

- a. Durante a graduação, o que se falava no curso sobre o mercado de trabalho para Cientistas Sociais?
 - a. Você teve alguma disciplina que abordava o tema? Qual?
 - b. Existiu algum professor ou núcleo que buscava o diálogo sobre a profissionalização?
- b. Qual era o apelo do curso sobre a pesquisa? Aprendeu a utilizar ferramentas de pesquisa? Quais?
 - a. Existiram disciplinas mais instrumentais? (estatísticas, por exemplo)
 - b. Esses aprendizados contribuíram para sua atuação como profissional de pesquisa?
- c. Quais as principais frentes de disciplinas abordadas no curso?
- d. Existia alguma percepção sobre o mercado privado de pesquisas? (aqui queremos saber sobre os possíveis estigmas)

4. Entrada no mercado

- a. Me conte como foi sua entrada no mercado de pesquisas? A decisão foi sua?
 - a. Qual o peso da sua formação para o ingresso no trabalho?
- b. Em que medida a graduação contribuiu para a sua entrada no mercado?
- c. Qual a visão dos seus colegas de curso ou professores sobre o caminho que você seguiu?
- d. Para você, o que é ser Cientista Social? Você se sente um?
- e. Como as pessoas da empresa onde você trabalha enxergam a sua formação? Isso fez alguma diferença na sua contratação?
- f. Como uma pessoa formada em Ciências Sociais, o que você acha que poderia ter sido diferente em relação aos aprendizados do curso?
- g. Em relação ao rigor teórico da pesquisa, como você enxerga isso em um contexto mercadológico?
- h. Pensando no currículo de formação em ciências sociais, qual a sua opinião para o futuro do curso?

Agradecer e finalizar.

ANEXO 2

ROTEIRO DE ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE

Objetivo geral da entrevista:

Compreender em profundidade as concepções dos professores/coordenadores sobre os cursos de Ciências Sociais que atuam.

1. Identificação

Nome:

Instituição:

Ano de entrada:

2. Conte um pouco como chegou até aqui?
3. Quais são os principais objetivos do curso de Ciências Sociais nesta universidade?
4. Quais são as disciplinas e áreas de estudo que compõem o currículo do curso? Há alguma ênfase específica em Sociologia, Antropologia ou Ciência Política?
5. Quais são as oportunidades de pesquisa e prática profissional oferecidas aos estudantes de Ciências Sociais? Existem parcerias com empresas, organizações da sociedade civil ou institutos de pesquisa? Quais?
6. Como o curso de Ciências Sociais se adapta às mudanças e demandas do mercado de trabalho? Quais são as atualizações curriculares realizadas para atender às necessidades atuais? Se puder, vamos falar um pouco sobre isso.

7. Quais são as perspectivas de carreira para os graduados em Ciências Sociais nesta universidade? Quais setores ou áreas de atuação costumam absorver esses profissionais? Vamos falar um pouco sobre isso?
8. Saberá me dizer se existe algum desafio pelo qual os estudantes passam para entrar no mercado de trabalho?
9. Pensando no currículo de formação em ciências sociais, qual a sua opinião para o futuro do curso?

Agradecer e finalizar.